



# Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume II, edição X

Fevereiro de 2011

## Nesta edição:

Karl Von Eckartshausen	1
Prometeu e Pandora	9
O Cone de Sombras	21
O Processo de Regeneração Segundo Louis Claude de Saint-Martin	25
Contos Espirituais	31

## Karl Von Eckartshausen

Autor de “A Nuvem sobre o Santuário” e “Das Forças Mágicas da Natureza”, nasceu no castelo de Haimhausen (Baviera) em 28 de Junho de 1752, e morreu em Munique em 13 de Maio de 1803. Filho ilegítimo do conde Karl Von Haimhausen e de Maria Anna Eckart, a filha de seu intendente, levaria o nome de seu pai e um sobrenome inventado que reúne os sobrenomes paterno e materno: Eckartshausen.

Por conta de uma infância bastante desafortunada e por causa de seu nascimento pouco convencional, o jovem Karl Eckartshausen não receberia o título de nobreza até acabar seus estudos universitários, podendo chamar-se então Karl Von Eckartshausen. Recebeu uma educação esmerada e seguiu com proveito seus estudos, tornando-se um dos escritores mais fecundos de toda Alemanha e uma das figuras mais importantes, da teosofia cristã.

Dotado de uma sensibilidade fora do comum, sua vida se viu influenciada desde sua mais tenra infância pelo

mágico, pelo sobrenatural. Sabemos que, a partir dos sete anos teve sonhos e experiências muito importantes para sua vida interior, cuja interpretação lhe seria proporcionada por sonhos posteriores. Como escreveria ele próprio a outro grande teósofo, Kirshberger, “a luz que brilha nas trevas me proporciona o conhecimento das coisas ocultas”. A luz foi precisamente uma de suas obsessões, à qual dedicou opúsculos inteiros. Em “A Nuvem Sobre o Santuário” nos explica que “assim com a luz exterior nos ilumina pelo caminho da nossa peregrinação, a luz interior nos ilumina pelo caminho da salvação”. Podemos, pois, falar de uma “Teosofia da Luz”,



inclusive de uma “Filosofia da Luz”, baseadas em sua experiência e em seu contato com a realidade transcendente. Nesta obra, “A Nuvem Sobre o Santuário”, Eckartshausen afirma categoricamente que “mediante a luz o mago encontrará sabedoria e força” e que “a luz que conhecemos neste mundo caído é só um reflexo, um empréstimo dos sentidos e pode conduzir ao conhecimento ou à ciência, mas nunca à sa-

bedoria”.

Para Eckartshausen, a “luz física percebida pelo homem não é a verdadeira luz, mas unicamente um símbolo de nossa pátria celeste”.

Em 1770, Eckartshausen matriculou-se na Universidade de Ingolstadt, dirigida por jesuítas, onde permaneceu por volta de três anos. Em 1774, depois de alguns estudos particularmente brilhantes, obteve o *Absolutorium*.

Em 1776, graças às influências da família paterna (seu pai era conselheiro particular do Príncipe-Eleitor), obtém o posto honorário, mas escassamente remunerado de Conselheiro Palaciano, estreitamente relacionado com as atividades do tipo jurídico às quais se dedicaria a partir de 1779.

Nesse mesmo ano casou-se com Genoveva Quiquérez, de origem obscura, que faleceria ao cabo de dois anos. Em 1781 casa-se de novo, com Gabriela Von Wolter, filha de Johann Anton Von Wolter, médico pessoal do Príncipe-Eleitor, Karl Theodor e diretor da faculdade de Medicina da Universidade de Ingolstadt. Em breve nasce o fruto desse matrimônio, Sophia Teresia Gabriela.

Em 1777, Eckartshausen foi admitido na Academia das Ciências de Munique, da qual foi membro assíduo até o ano de 1800, e onde apresentou um grande número de conferências. O diretor da seção histórica da Academia, Ferdinand Von Sterzinger, se interessava, como Eckartshausen, pela magia e pelos fenômenos ocultos. Nesta mesma academia realizou toda uma série de experimentos físicos e alquímicos que influenciaram de modo decisivo suas obras.

Entre 1780 e 1783, se dedicou especialmente a seu trabalho como jurista, no qual tentou plasmar seus ideais humanitários, especializando-se em Criminologia. Como escreve seu biógrafo, Antoine Faivre: “Estas ativida-

des o influenciaram profundamente; em vez de endurecer seu coração, desenvolveram sua piedade, fizeram dele um defensor dos fracos e dos oprimidos”. Sua produção literária daquela época esteve estreitamente vinculada com seu trabalho. Um dos muitos opúsculos que por aquele tempo fez imprimir levava por título “Das origens dos delitos e da possibilidade de evitá-los”.

Em 1780, Eckartshausen ingressou no “Colégio da Censura” e, a partir daí, trabalhando como censor, se encarregaria especialmente da revisão de obras sobre Direito e Literatura.

Três anos depois, a Corte lhe ofereceu o posto de “Arquivista Secreto”, emprego bem remunerado que, enquanto lhe solucionaria seus problemas econômicos, lhe atrairia não pouca inveja. Em 1786 publicou uma obra intitulada “Da organização prática e sistemática dos Arquivos Principescos em geral”. Seu trabalho como censor e como arquivista, ao qual dedicaria a maior parte de seu tempo, lhe permitiu, entretanto, ler muito e enriquecer-se culturalmente.

A partir de 1788, ano em que publicou seus “Esclarecimentos sobre a Magia”, a produção literária de Eckartshausen centrou-se, sobretudo em temas esotéricos. No entanto, o teatro ocuparia um lugar proeminente dentro de sua obra; escreveu, publicou e estreou com certo êxito várias obras neste gênero.

Ao mesmo tempo em que empreendeu uma busca do tipo filosófico, Eckartshausen se entrega também a experimentos de cunho prático em campos como a física e a alquimia. Em 1798, por exemplo, publicou um tratado sobre “As descobertas mais recentes sobre o Calor e o Fogo”, que lhe tomou dois anos de experiências práticas.

Em 1799 publicou um artigo que não se atreveu assinar, no qual pretendia reduzir todas as ciências a um princípio universal “que per-

mite descobrir em todas as artes e todas as ciências o que até então só havia sido considerado como o efeito do acaso”. Neste escrito, Eckartshausen demonstra que o princípio da matéria é indivisível e incorruptível. Para ele, todos os fenômenos da natureza se produzem por síntese e análise da luz. A sombra também é matéria real, suscetível de ser concentrada até tornar-se palpável. No seu livro “A Nuvem sobre o Santuário” ele assegura que “a escuridão e a luz são verdadeiras substâncias”. Alguns anos antes, havia construído uma máquina que permitia relacionar os odores com as cores, graças à qual se descobriu que existia uma analogia entre as cores, as idéias, os odores e as paixões. Tanto essa máquina como suas investigações neste campo lhe atrairiam também problemas e inimizades, já que se levantou a temática de que “queria introduzir na Academia questões de Teosofia e de Cabala”.

Pouco depois, publicou outro polêmico artigo intitulado “Novas descobertas sobre a incorruptibilidade das coisas, a conservação e a perpetuação dos seres”, no qual afirma ser capaz de separar a matéria luminosa dos corpos.

Contudo, a obra mais famosa de Karl Von Eckartshausen não aparecerá até uns poucos anos antes de sua morte: “A Nuvem sobre o Santuário ou algo que não suspeita a orgulhosa filosofia de nosso século”, que alcançaria um grande êxito e logo seria reeditada e traduzida para vários idiomas.

Até aqui vimos de forma geral como era o personagem exterior e pública de Eckartshausen. No entanto, o realmente importante é o Eckartshausen secreto, o membro da Comunidade luminosa de Deus, da “Escola da Via Interior” “dispersa por todo o mundo, mas governada por uma verdade e unida por um único espírito”. Dela, obviamente, não se pode falar senão de dentro; mas o que quer que desejemos averiguar do Eckartshausen secreto e da Via Interior o

encontraremos em suas obras.

E de reconhecer que é difícil, com os poucos dados disponíveis, fazer-se uma idéia da extraordinária importância deste Místico Alemão. Talvez se possa suprir esta falta repasando algumas das idéias principais que deixou em seus escritos.

Eckartshausen é um espírito inquieto, a quem tudo interessa: escreveu poesias teatro, novelas e ensaios. Com toda certeza ele mesmo traduziu, ao menos parcialmente, muitos dos textos nos quais baseia suas exposições.

Em seus numerosos ensaios, desenvolve um completo sistema cosmogônico, escreve páginas admiráveis sobre Deus e o Homem, se interessa pelo mundo dos espíritos e não se envergonha de confessar que está em contato com eles e que lhes deve não poucas inspirações. Por outro lado, também avisa dos perigos que comporta este tipo de intercâmbio. Contudo, o que realmente interessa a Eckartshausen, sua grande preocupação, é a religião. Em “A Nuvem sobre o Santuário” escreve que “a religião está destinada a reunir nele (o templo) o homem com Deus” e “a religião consiste neste único e grande mistério da redenção, que se nos revela de uma maneira meramente simbólica em todas as cerimônias e representações religiosas”.

A grande erudição do autor engloba todas as disciplinas, profanas esotéricas e sua pena toca brilhantemente quase todos os temas. Em “Das Forças mágicas da Natureza” cita profusamente as Sagradas Escrituras e se apóia nelas. Começa apresentando um tema apaixonante para muitos, como é a magia, para acabar falando do que realmente lhe interessa: a religião, como se a verdadeira finalidade deste livro fosse revelar os arcanos desta última. Eckartshausen cita Bacon de Barulamio que afirmava que “só um filósofo superficial se permite desprezar a religião”. Ele escreveu este breve tratado para mostrar aos que buscam a verdade que existe uma

completa harmonia entre o espiritual e o físico.

### **Karl Von Eckartshausen e a magia**

A linguagem do texto abaixo é uma linguagem técnica, dificilmente compreensível para o não iniciado, mas que impacta por sua simplicidade e inspiração. Eckartshausen tem um ponto de vista muito particular da magia, uma visão que não parece pertencer a nenhuma escola em particular. Para ele, a magia é, antes de tudo, uma força. Uma força que tem seu efeito no interior dos seres e que funciona por atração, por afinidade, por ressonância, permitindo manifestar o interior no mundo exterior. Mas, ao mesmo tempo, a magia é “uma obra interior na qual se põe em jogo o natural e o sobrenatural” e “a cada operação mágica corresponde um prévio despertar do espírito”. A ação da magia é possível graças ao mais fino e sutil dos ares, o éter. Este é o maior mistério da magia natural: “O éter é como um espelho onde se reflete tudo”. Contemplando-o o mago tem acesso à onisciência. Este “Ser dos Seres”, como o chama Eckartshausen, é “uma força circular que atua em sete facetas cada uma das quais remete à outra...”. Poderíamos dizer que o éter é a força que move as forças, o espírito astral que está por cima e em situação de analogia com as sete forças astrais, as forças invisíveis da Natureza.

Estas forças astrais dependem de uma capacidade humana que é a imaginação criativa, capacidade de ordem transcendente que não se deve confundir com a fantasia ou a alucinação. Esta capacidade não se pode desenvolver mediante a ingestão de drogas ou narcóticos; antes ao contrário, eles podem influenciá-la de maneira nociva senão que pela prática da mais alta espiritualidade.

A imaginação criativa é uma *Einbildungskraft*, ou seja “uma faculdade capaz de criar uma imagem a partir de outras, de assimilar, de

unir”.

O mago trabalha sobre esta imaginação criativa através do desejo. Este é, de certo modo, a semente do objeto desejado. Se esta semente é plantada na terra conveniente e é oportunamente regada, o mago obterá o fruto desejado. Mas, de maneira geral, o homem comum só deseja de um modo inconsciente, sem ter uma idéia clara e precisa daquilo que aspira, e mais que desejo, seu querer deveria chamar-se “capricho”. A Vontade pelas coisas divinas é algo que o homem perdeu, ao menos parcialmente, com a queda, mas que pode ir recuperando pela prática constante das virtudes, da oração e da fé.

“O espírito astral está sujeito à Vontade do ser humano e pode fazer-se ativo e tangível mediante a Vontade humana”.

Eckartshausen explica que “existe uma faixa ou âmbito no qual o ser humano pode entrar em contato com o Espírito universal; neste âmbito, o espírito humano e o Espírito universal formam um “Continuum”. Quando se conhece esta “faixa” e se permanece em contato com o Espírito universal, o desejo pelo divino do mago se realiza”.

### **Macrocosmos e Microcosmos**

Para Eckartshausen, todo o visível está intimamente ligado com o invisível por leis eternas, pois ambos constituem uma cadeia única, pela qual, na pura inteligência suprema não há nem “encima” nem “embaixo”, nem “dentro” nem “fora”. Ele coincide com outros teósofos cristãos como Boehme e Louis Claude de Saint Martin para quem “os seres vivos imitam, em sua estrutura, o mundo astral em sua totalidade: o que está acima é como o que está embaixo”.

Todas as coisas estão ligadas entre si por laços invisíveis e não evidentes. Inclusive a menor coisa tem sua importância, já que está em relação com o todo. A menor mudança

pode produzir os maiores transtornos: nisto radica a efetividade e o perigo da operatividade dentro da espiritualidade.

“O mundo visível, com todas suas criaturas, não é mais que a figura do mundo invisível; o exterior é a assinatura do interior... O interior trabalha constantemente para manifestar-se no exterior”. Os espíritos da Natureza obedecem à Vontade do mago porque “Macrocosmos e Microcosmos estão unidos”. “Tudo o que está no interior, assim como a maneira como atua, se manifesta no exterior”.

### **A humildade e os símbolos**

O estudo dos símbolos é indispensável na Espiritualidade dada à harmonia existente entre os seres e as coisas Divinas. Segundo Eckartshausen, o estudo dos símbolos permite compreender com o coração o que poderia estar vedado à inteligência. “O corpo humano nos proporciona exemplos preciosos de uma analogia não só poética, senão real e fundada sobre fatos: o homem que sobe por uma encosta, inclina a cabeça, aquele que desce, pelo contrário, a levanta. Isto significa que a humildade é necessária para aquele que quer subir e que o orgulhoso realiza o contrário de um progresso”.

O homem pode alcançar o conhecimento das verdades superiores graças aos símbolos deste mundo, pois o corpo visível é o símbolo ou a sombra do invisível. O homem é um Microcosmo que está em relação exata com o espírito do Macrocosmo.

“Toda forma é a letra viva de um alfabeto; na natureza podemos ler como em um livro aberto o amor, a verdade e a sabedoria de Deus”. A leitura dos símbolos nos elevará até as formas primordiais desta escritura.

Mas o acesso à compreensão dos símbolos, vedado à inteligência, é, sobretudo “um cami-

nho do coração” e um das portas de entrada para a Via Interior.

### **Adão: O homem**

Uma parte importantíssima do pensamento de Eckartshausen parece centrar-se num tema que se repete em praticamente todos seus ensaios: o homem. De fato, Adão era o ponto central, o rei da Criação. O homem atual, caído e exilado, embora tenha perdido as prerrogativas adâmicas, conserva a necessidade do estado luminoso do primeiro pai. Eckartshausen sabe ver mais além das aparências e intui o singular destino do homem, sua ignorada grandeza.

“O primeiro homem era um grande mago que caiu e perdeu sua sabedoria”, escreve. Por isso a magia, entendida como ele a entende é antes de tudo é o meio de reunir religiosamente o homem com seu Criador.

Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem está destinado a uma felicidade semelhante à de seu Criador. No paraíso, o homem tinha um Corpo de Luz, um corpo “constituído por energia concentrada da luz e dos elementos, antes que estes elementos fossem destroçados pela queda”. Segundo Eckartshausen, esse corpo estava composto por três partes de luz e uma de matéria. Por outro lado, o homem era livre: sua liberdade consistia em permanecer ligado ao Criador ou afastar-se Dele. Ao se afastar por causa da concupiscência, o ser primordial, o homem de luz, cai no mundo imperfeito da matéria. Este estado é comparado por Eckartshausen a um envenenamento: “A doença dos homens é um verdadeiro envenenamento; o homem comeu do fruto da árvore em que dominava o princípio corruptível e material e se envenenou ao desfrutá-lo”.

Seu corpo, constituído por energia luminosa concentrada, não tinha que alimentar-se mais que de alimentos incorruptíveis, de alimentos luminosos, mas provou o alimento perecível,



com o que se tornou perecível e mortal. O homem está na terra para alcançar o mais alto grau de felicidade, mas não no tempo, senão na eternidade. No entanto, neste mundo, pode encontrar “o ponto a partir do qual se extraviou”.

As imagens que Eckartshausen utiliza para explicar este mistério da queda e da regeneração são, às vezes, comovedoras: “O homem é semelhante a um fogo concentrado e encerrado em um invólucro grosseiro; está separado do fogo primordial ao qual aspira unir-se”. “Temos que queimar o invólucro que nos recobre de modo que este fogo não se reduza a uma simples faísca. Então consumirá tudo o que é impuro, modificará o corpo, o fará receptivo a Deus..”.. “Esta alquimia é facilitada pelo fato de que existe, no mais secreto da natureza física, uma substância pura que pode ajudar-nos a liberar a alma divina encerrada em nós: esta substância é a essência paradisíaca que a queda do homem encerrou na matéria grosseira e que desde então enlanguesce sob suas cadeias”.

Para Eckartshausen, o homem “é o objeto mais importante do mundo. As duas ordens de conhecimento nas quais participa fazem dele como uma árvore cuja raiz é o espírito: o tronco e os galhos as faculdades; a folhagem, as palavras; as flores, a Vontade; o fruto, a virtude. Ai da árvore que não dá frutos!”

### **A queda e a redenção**

O tema da queda é um dos que trata mais prolificamente, sobretudo nas obras relacionadas com a magia e o esoterismo. Vejamos, por alto, quais eram suas idéias a este respeito.

Antes da queda, o homem era sábio, pois estava unido à sabedoria: depois deste funesto acontecimento foi separado dela.

Criado para a contemplação e o gozo espiri-

tuais, Adão, dispondo da liberdade que Deus lhe havia dado, quis gozar dos bens materiais que lhe estavam submetidos, para isso ele necessitava de um corpo mais grosseiro.

Isto nos indica que tudo, inclusive a queda, tem um sentido providencial. Como assinala Louis Cattiaux em sua “Mensagem Reencontrada” (XXV-44): “A queda do homem tem uma finalidade divinamente elevada, que é a aquisição de um corpo baixo e sua glorificação em Deus”.

No jardim do Éden, Adão era feliz. Sua felicidade consistia em contemplar as energias da Unidade e em gozar, participando delas, da energia divina original. Esta idéia de “gozar” que está totalmente de acordo com a etimologia hebraica do Éden, que significa “voluptuosidade”, merece talvez um breve comentário. No latim, ‘gozar’ é *fruor* (daí vem a palavra ‘fruição’). De *fruor* provém *fructus*, ‘gozo, prazer, deleite, usufruto’, e também ‘fruto’.

Na simbologia cristã, o fruto representa a palavra. Em um antigo texto cristão, a “Epístola a Diogneto” é possível ler: “Aqueles que amam verdadeiramente a Deus se tornam um paraíso de delícias. Uma árvore carregada de frutos, de vigorosa seiva, cresce neles e são ornados com os frutos mais ricos”. E em outro texto, esta vez um delicioso fragmento de um discreto autor do Século de Ouro espanhol, a “Visión Delectable” de Alfonso de la Torre, referindo-se aos profetas: “Aqueles que têm em sua vida a visão de Deus em sua fruição, na qual são a alegria e o gozo tão grandes, que exceto aquela (visão de Deus), todas as coisas do mundo lhes parecem um pouco de lodo”.

Lembremos que, precisamente falando de profetas, o Evangelho segundo Mateus (VII-16) diz “por seus frutos os conhecereis”.

Sacerdote da divindade, mago verdadeiro, Adão tinha recebido o conhecimento da or-

dem das coisas e sua missão era colocá-las no lugar que lhes correspondia. Deste modo, o primeiro homem fazia a ponte entre a matéria e o espírito; era o coadjuvante de Deus. Era “uma criatura intermediária que religava o mundo espiritual com o mundo sensível”.

A queda é, para Eckartshausen, “um envenenamento”. O primeiro efeito deste envenenamento foi que “o princípio incorruptível (o que se pode chamar corpo de vida, assim como a matéria do pecado é corpo de morte) cuja expansão constituía a perfeição de Adão, se concentrou no interior e abandonou o exterior ao domínio dos elementos”.

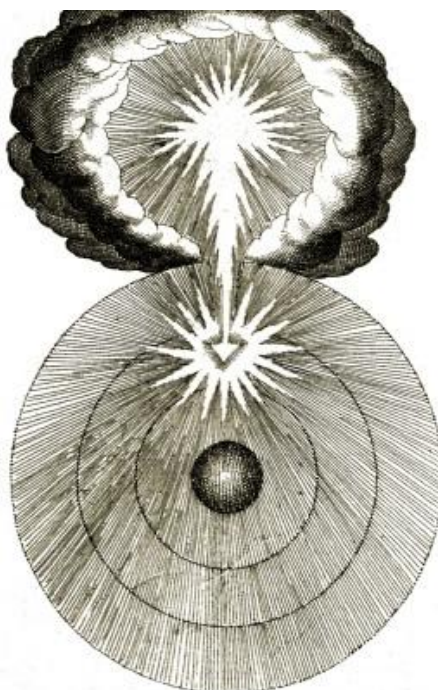
Deste modo, o homem caído perdeu a capacidade mágica ficando o mundo exterior fora de seu domínio. As consequências naturais desta perda de luz, diz Eckartshausen, “foram a ignorância, as paixões, a dor, a miséria e a morte”. Revestido de um corpo imortal, Adão não tinha porque ter conhecido a morte. Mas nosso primeiro pai pecou, sendo o pecado antes de tudo “um pecado de egoísmo”. “O egoísmo é obra de Lúcifer e a causa da queda de Adão”.

Apesar da queda adâmica, o jardim do Éden não desapareceu, mas “está cheio de cardos e espinhos”. Apesar de que nossos sentidos afastem-se dela, existe uma força luminosa que imanta nosso centro até a Unidade. Todo o segredo consiste em saber despertá-la de um modo harmonioso e equilibrado.

### O Sensorium

As forças divinas operam num órgão concreto. “Quem conhece esse órgão e sabe a maneira de apropriar-se dele ou entrar em con-

tato com ele, possui o poder sobre a natureza inteira”. “Deus expressa um sol espiritual que religa o finito ao infinito. Este sol é o órgão da onipotência; os persas o chamavam Ormuz, os judeus Jehová, os gregos Logos”. “Este órgão é a natureza imortal e pura, a substância indestrutível que vivifica tudo e leva a mais alta perfeição e felicidade; o primeiro homem foi criado a partir desta substância que é o elemento puro”. Este parágrafo impressionante, que alude ao mistério eucarístico (a Sagrada Forma é redonda, como o disco solar), é sem dúvida reveladora de uma liberdade espiritual que situa Eckartshausen acima das formas e acima dos dogmatismos.



Eckartshausen fala também de “um azeite de unção que renova o homem”. Este azeite, que reside no mais profundo da matéria física, é chamado “*Electrum*, o elemento divino, o órgão ou *vehiculum* do espírito de Deus, o vestido de ouro da filha do rei”. Este “*Electrum charmal aetherum* é o Verbo físico e glorioso, o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Ele o descreve como “um azeite verdadeiro, luminoso e incombustível: aquele que é ungido com ele depois de uma preparação suficiente, se converte em um verdadeiro rei e em um sacerdote de Deus; o Espírito Santo atuará através dele e lhe mostrará tudo”.

Este princípio vivifica o que está morto e desenvolve a luz que está enterrada em nós, dissolvendo o “glúten” do sangue.

### A regeneração

O homem é um ser caído em um mundo tenebroso, separado da luz original, e a aceita-

ção inteligente e humilde desta realidade é a base para vencer o orgulho que nos cega e para voltar a reencontrar nosso estado glorioso.

Mas, como fazê-lo? Como começar? Eckartshausen se revela como um grande mestre quando diz que “A oração é o primeiro passo que nos conduz à regeneração”.

“A regeneração é um renascimento, uma transfiguração que nos assegura a paz com nós mesmos e com a natureza inteira”.

“A possibilidade de recuperar nosso corpo luminoso reside sempre em nós como uma semente pronta para germinar”.

Existe, na natureza física “uma substância pura que pode ajudar-nos a liberar a centelha divina encerrada em nós, esta substância é a essência paradisíaca que a queda do homem encerrou na matéria grosseira e que desde então enlanguesce sob suas cadeias”.

O segredo da regeneração consiste em fazer desaparecer a casca que mantém prisioneiro o coração divino: esta é a construção do templo no qual Deus, a natureza e o homem estarão unidos para sempre.

“A verdadeira ciência real e sacerdotal é a ciência da regeneração, quer dizer, a reunião de Deus com o homem caído”.

“Construir o verdadeiro templo é destruir a miserável cabana adâmica e substituí-la pelo templo de verdade; é desenvolver em nós o sentido interior a fim de que o princípio metafísico incorruptível supere o princípio terrestre”.

A regeneração não se refere só ao homem: abarca a natureza inteira, que ele arrastou em sua queda. “A natureza aspira à sua restauração: espera com nostalgia o momento no qual a humanidade alcançará a mais alta perfeição”.

### A oração

A característica principal do estado caído do ser humano é a separação. Neste mundo estamos separados da unidade, do centro, de Deus. Como escreve Eckartshausen, “Um espaço intermediário se interpõe entre nós e o objeto de nossa busca; a oração elimina este espaço”. Vimos que a oração era o primeiro passo que conduz à regeneração. Mas, o que é a oração? De onde procede? “A verdadeira oração, não provém da sinagoga nem do magnífico templo cristão, mas do coração do homem”. Uma vez purificado, este é sem dúvida o lugar onde se produz a fecundação de que fala o grande cabalista cristão Pico della Mirandola.

Em uma oração dirigida à “luz eterna”, aquela que brilha nas trevas, mas que elas não percebem, Eckartshausen pede “que sua própria Vontade abdique a fim de que seu coração se converta num lugar santo e que a divindade se expresse de novo nele, como em todos os demais homens separados de Deus em razão da queda”.

Desta forma, a oração, o diálogo na intimidade do coração entre a centelha divina do homem e Deus, deve ser começado através do estudo das Sagradas Escrituras, que é o meio mais eficaz para que possa realizar-se em nós, a Vontade de Deus, como sugere a mais famosa e também a mais mágica das orações “O Pai Nosso”.

Verifica-se como é bela a Criação e ainda mais seu Retorno, dali que os grandes Mestres Iluminados, Santos e Homens de Deus, passavam horas bebendo o néctar da Sabedoria Divina. Porque a Glória e Sabedoria do Pai Eterno são infinitas.

As Sagradas Escrituras dizem: “a Fé move montanhas”. Portanto, se o homem trabalhar convicto do que está realizando, poderá ter a certeza de que a “obra será realizada”.



## Prometeu e Pandora

**P**ossuidoras de defeitos e virtudes, as divindades primordiais tinham no Olimpo o remanso. Procriavam deuses e deusas gerados de suas próprias paixões; paixões que dariam forma à personalidade de cada um, transformados em mitos e colocados, assim, acima do bem e do mal. Eram deuses, enfim.

### Prometeu

Júpiter diz a Prometeu: "Filho de Iápeto, rejubilas-te por haveres roubado o fogo divino e iludido a minha sabedoria; mas esse ato será fatal a ti e aos homens que hão de vir. Para vingar-me, enviarei-lhes um funesto presente que os enfeitiçará e fará com que amem o seu próprio flagelo." (Hesíodo).

Por serem concebidos sob os auspícios dos espasmos de Gaia, os imortais desfrutavam de privilégios. Donos de matéria sutil, metamorfoseavam-se e se multiplicavam. No Olimpo não havia a idéia de perfeição conforme a concebemos a partir do Cristianismo, pois segundo o pensamento clássico, no Universo, tudo, absolutamente tudo, está em processo de evolução, portanto, da ameba aos deuses todos evoluem todo o tempo. Assim, Hera andava infeliz porque seus filhos gerados com Zeus, do qual era irmã, eram criaturas grotescas, eventualmente deformadas, a exemplo dos cíclopes, tríclopes e depois os titãs. E o deus do Olimpo, compadecido pela dor de sua mulher, mandou que exterminassem os titânicos, e uma



batalha entre eles e os olímpicos foi instaurada.

Céu e terra já estavam criados. A parte ígnea, mais leve, havia se espalhado e formado o firmamento. O ar colocou-se em seguida. A terra, sendo a mais pesada, ficou para baixo e a água ocupou o ponto inferior, fazendo flutuar a terra. E neste mundo assim criado, habitavam as plantas e os animais. Mas faltava a criatura na qual pudesse habitar o espírito divino. Foi então que chegou à terra o titã Prometeu, descendente da antiga raça de deuses, destronada por Zeus.

Prometeu, "aquele que pensa antes" ou "aquele que prevê" (o nome Prometeu, segundo a etimologia popular, teria vindo da junção das palavras gregas *pró* (antes) e *manthánein* (saber, ver), ou seja, Prometeu equivaleria a prudente ou previdente), filho de Iápeto (ou Jápeto), um titã, permanecera neutro e vira sua raça ser dizimada pelos olímpicos. Era, entretanto, admirado por Zeus, que gostava de seus dons premonitórios; fora recebido entre os imortais, participando

dos banquetes e assembléias das divindades. Enviado à Terra a fim de criar um ser diferente dos animais, decidira vingar-se de Zeus, que destruíra sua raça. O gigante sabia que na terra estava adormecida a semente dos céus. Por isso apanhou um bocado de argila e molhou com um pouco de água de um rio. Com essa matéria prima fez o homem, à semelhança dos deuses, para que fosse o se-

nhor da terra e soprou-lhe as narinas com a essência de que seriam feitos, apanhou das almas dos animais características boas e más, animando sua criatura: a fidelidade dos cavalos, a força do touro, a esperteza da raposa, a avidez do lobo. Minerva dera néctar às novas criaturas e elas ganharam espírito divino. Foi assim que surgiram os primeiros seres humanos, que logo povoaram a terra.

Mas faltavam-lhes os conhecimentos sobre os assuntos da terra e do céu. Vagavam sem saber a arte da construção, da agricultura, da filosofia. Não sabiam caçar ou pescar e nada sabiam da sua origem divina. Prometeu se aproximou e ensinou às suas criaturas todos esses segredos. Inventou o arado para que o homem plantasse, a cunhagem das moedas para que houvesse o comércio, a escrita e a mineração. Ensinou-lhes a arte da profecia e da astronomia, enfim todas as artes necessárias ao desenvolvimento da humanidade. Os orgulhosos homens de Prometeu eram belos como deuses, entretanto, a condição de humanos, reles mortais, faria com que pagassem pelo status adquirido, transformados assim no alvo da ira dos deuses.

Então houve um banquete. Prometeu, encarregado da partilha do boi, o fizera de modo a humilhar os imortais, oferecendo a eles as entranhas, enquanto que aos humanos reservou a carne saborosa. Encolerizado, Zeus esconde daquelas criaturas o privilégio da luz e do movimento, simbolicamente, da luz na alma, da inteligência: o fogo, último privilégio para que se constituísse e se consumasse a civilização. E não havia movimento na Terra,

não havia luz entre as criaturas de Prometeu. Andavam à esmo... errando, até que, indignado e movido por um gesto de profundo inconformismo, Prometeu apanhou um caule do nárTEX, aproximou-se da carruagem do Sol e incendiou-o. Roubara o fogo dos céus. Com esta tocha, Prometeu entregou o fogo para a humanidade, o que dava a ela a possibilidade de dominar o mundo e seus habitantes.

Ah, os belos e orgulhosos homens de Prometeu dançavam em torno do fogo e conheciam o movimento, a luz, a cor... Mas os céus tremiam. Como tivera, Prometeu, a coragem de colocar seus homens e os deuses no mesmo plano de existência? Tal soberba lhe reservaria a ira de Zeus, o deus dos deuses que por isso tramou a sua vingança. Convocando os deuses do Olimpo, decide dar a Prometeu e aos tolos homens um castigo. Que Prometeu fosse acorrentado a um rochedo por trinta séculos, à disposição dos abutres que deveriam



mordiscar-lhe quase todo o fígado ao longo do dia. Não havia perdão no coração endurecido de Zeus, personificado na figura do rochedo. Durante a noite o órgão se recomporia para ser novamente semi-devorado quando o dia amanhecesse. Estava lançado o suplício de Prometeu. Mas era pouco ainda. A tentativa de comparar grosseiras criaturas feitas do barro com os deuses era um evento tal que merecia do Olimpo uma vingança maior.

Assim, com a ajuda dos olímpicos e ninfas, Zeus manda criar um ser oposto aos homens: uma mulher, única naquele universo

masculino. Deveria ser belíssima, e dela se encarregariam primeiramente Minerva e Vulcano. Dotada de beleza inigualável, sagacidade, graça, audácia, força, persuasão, habilidade manual e sensualidade delicada, receberia de Mercúrio gotas de sedutora dissimulação. Deveria seduzir todos os homens e tirar-lhes o rumo. Esta mulher foi batizada por Hermes como Pandora, (*pan* = todos, *dora* = presente), pois cada um dos deuses deu à donzela um dom. Afrodite deu-lhe a beleza, Hermes o dom da fala, Apolo, a música. Ainda vários outros encantos foram colocados na criatura pelos deuses. Zeus pediu ainda que cada imortal reservasse um malefício para a humanidade.

Esses presentes maléficis foram guardados numa caixa, que a donzela levava nas mãos. Pandora, desceu à terra, conduzida por Hermes, e foi dada como esposa a Epimeteu, "o que pensa depois" ou "o que reflete tardiamente", o irmão de Prometeu; que, deslumbrado com sua beleza perfeita, aceitou apesar dos avisos do irmão, para que não aceitasse nada dos deuses. Pandora, então, diante dele abriu a tampa do presente de núpcias de Zeus, e de dentro, como nuvem negra, escaparam todas as maldições e pragas que assolaram todo o planeta. Desgraças que até hoje atormentam a humanidade. Pandora ainda tenta fechar a caixa divina, mas era tarde demais: ela estava vazia, com exceção da "esperança", que permaneceu presa junto à borda da caixa. A única forma do homem não sucumbir às dores e aos sofrimentos da vida.

Deste mito ficou a expressão caixa de Pandora, que se usa, em sentido figurado, quando se quer dizer que alguma coisa, sob uma aparente inocência ou beleza, é na verdade uma fonte de calamidades. Abrir a Caixa de Pandora significa que uma ação pequena pode liberar uma avalanche de repercussões negativas. Há ainda um detalhe intrigante que poderíamos levantar: do por quê a esperança estava guardada na caixa entre todos os ma-

les. Porque a esperança pode também ter uma conotação negativa, já que ela pode minar as nossas ações nos paralisando diante de coisas que deveríamos confrontar.

### **Pandora**

A maior dificuldade de relatar um mito não está em traduzir as suas múltiplas conexões e desdobramentos, mas em resolver onde parar, onde recortar este mito do todo da mitologia. Por isso, a história de Pandora começa antes da própria Pandora. Divindade criada pelos deuses do Olimpo sob as ordens de Zeus para a vingança contra a humanidade por esta ter recebido de Prometeu o segredo do fogo, o que dava a ela a possibilidade de dominar o mundo e seus habitantes. Zeus tramou a sua vingança mandando que Hefestos moldasse uma estátua de uma linda donzela. Chamou-a de *Pandora*, "a que possui todos os dons", e ordenou a cada um dos deuses que desse à donzela um dom. Vários encantos foram colocados na criatura, por exemplo: Afrodite deu-lhe a beleza, Hermes o dom da fala, Apolo, a música, etc. Em seguida Zeus pediu ainda que cada imortal escolhesse um malefício para a humanidade e os depositasse em uma caixa, que a donzela levava nas mãos, como presente de núpcias a Epimeteu; a *caixa de Pandora*.

Então ela desceu à terra, conduzida por Hermes, aproximou-se de Epimeteu, o irmão de Prometeu, e diante dele abriu a tampa do presente de Zeus. E da Caixa de Pandora escaparam a dor, as doenças, a inveja, a morte, a hipocrisia, a peste, a desunião, o desamor, a guerra, o ódio, a loucura... Pandora, percebendo a intenção dos deuses e tudo o que se espalhara sobre os homens, fechou a caixa rapidamente, entretanto, era tarde demais, os males haviam sido despejados sobre a raça de Prometeu. Havia lágrimas nos desavisados olhos de Pandora, a primeira mulher, ingenuamente, usada como ferramenta para a vingança Olímpica. No fundo de sua Caixa havia sobrado, a despeito dos males, um úni-

co elemento bom: a Esperança. Foi então que a humanidade, que até aquele momento havia habitado um mundo sem doenças ou sofrimentos, se viu assaltada por inúmeros males, e somente a Esperança lhe dá forças e alento para sobreviver aos problemas.

Outra versão do mito, diz que Pandora é a deusa da ressurreição. Ela, por não nascer como divindade, é conhecida como uma semi-deusa. Sua ambição em se tornar deusa do Olimpo e esposa de Zeus, fez com que ela abrisse a caixa divina. Zeus para castigá-la tirou a sua vida. Hades com interesse nas ambições de Pandora, procurou as pacas (dominadoras do tempo) e pediu para que o tempo voltasse, mas sem a permissão de Zeus elas não puderam fazer nada. Hades convenceu o irmão a ressuscitar Pandora, e devido aos argumentos do irmão, Zeus a ressuscitou dando-lhe a divindade que ela desejava. Assim, Pandora tornou-se a deusa da ressurreição. Para um espírito ressuscitar Pandora entrega-lhe uma tarefa, se o espírito cumprir ele é ressuscitado. Pandora, com ódio de Zeus por ele tê-la tornado uma deusa sem importância, entrega aos espíritos somente tarefas impossíveis. Assim nenhum espírito conseguiu e nem conseguirá ressuscitar.

O mito mais conhecido sobre Pandora é o que conta a história da sua criação pelos deuses, e de seu maléfico presente para a humanidade, escondido em uma caixa. Esse mito é o descrito acima. Há, porém, outra versão que remonta aos povos pré-helênicos, que tinham de Pandora, uma idéia diametralmente oposta da conhecida. Esta é a mitologia de um povo agrícola, com seu culto à deusa-mãe...

“Assim o novo mito tornou-se a doadora de talentos divinos e de todos os males da humanidade. Certa manhã os homens descobriram uma colina coberta de arbustos com frutos vermelhos. Eles começaram a banquetear

-se imediatamente. Depois de um estremecimento, uma fenda abriu-se no topo do morro, e dela emergiu a deusa com suas serpentes terrenas. Os mortais estavam paralisados de medo, mas a deusa acalmou-os dizendo: - *Eu sou Pandora, a Doadora de todos os Presentes* - e retirou a tampa de sua grande caixa. Dela tirou uma romã, que tornou-se uma maçã, que tornou-se um limão, que tornou-se uma pera. - *Eu trago árvores cheias de flores que dão muitos frutos, árvores retorcidas com olivas penduradas e essa videira que irá sustentar vocês* -. A deusa pegou da caixa uma porção de sementes as quais espalhou pela colina e continuou seu discurso. - *Eu trago a vocês plantas para matar a fome e para curar a doença, para tecelagem e tinturaria. Sob a superfície da terra vocês encontrarão minerais e argila de inúmeras formas. Eu trago maravilhas, curiosidades e memória. Eu trago sabedoria. Eu trago justiça com misericórdia. Eu trago laços de cuidado e de comunhão. Eu trago coragem, força e persistência. Eu trago amabilidade para todos os seres. Eu trago as sementes da paz.*”

### **Pandora e Eva**

Os mitos ocidentais relacionados com a origem humana, por vezes, tratam da perda de uma condição feliz jamais alcançada depois, na história. Tanto os assírios, babilônios, judeus e helenos, como os índios do Brasil, concordam que a matéria prima para feitura dos primeiros homens seria o barro. O termo hebraico *adam* vem de *adama*, terra, e quer dizer “aquele que surgiu da terra”. Quanto à mulher, entretanto, há divergências. No *Antigo Testamento*, Eva seria uma parte retirada do próprio homem, por Deus, a fim de lhe fazer companhia. Por outro lado, na *Teogonia* e em *Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo (sécs. VIII ou VII a.C.), Pandora seria um “presente” que Zeus mandara fazer para prejudicar os homens, criaturas de Prometeu. Em ambos casos, a desatenção da mulher acaba por levar à perda do paraíso para a hu-



manidade, que passa a conviver com os males do mundo, sendo obrigada a sobreviver com o suor do rosto.

*“Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos  
a recato dos males, dos difíceis trabalhos,  
das terríveis doenças que ao homem põem fim;  
mas a mulher, a grande tampa do jarro alçado,  
dispersou-os e para os homens  
tramou tristes pesares.  
Sozinha, ali, a Expectativa em  
indestrutível morada  
abaixo das bordas restou e para fora não  
voou, pois antes repôs ela a tampa do jarro,  
por desígnios de Zeus porta-égide,  
o agrega nuvens”*

(HESÍODO, *Trabalhos e os Dias*, v. 90 a 99).

A comparação de Eva com Pandora é muito óbvia para ter escapado a Milton, que a apresenta no Livro IV do Paraíso Perdido:

*“Mais bela que Pandora a quem os deuses  
Cumularam de todos os seus bens  
E, ah! bem semelhante na desgraça,  
Quando ao insensato filho de Jápeto  
Por Hermes conduzido, a humanidade  
Tomou, com sua esplêndida beleza,  
E caiu a vingança sobre aquele  
Que de Júpiter furtou o sacro fogo.”*

### **O Mito por Hesíodo e Ésquilo**

O mito de Prometeu é descrito na literatura clássica principalmente em Hesíodo. Aparece nas duas obras do poeta, *Teogonia* e *Os trabalhos e os Dias*, sendo que na segunda ele é recontado e complementado. Afora Hesíodo, outra obra importante, a tragédia *Prometeu Acorrentado*, é dedicada a ele. Porém nesta tragédia o mito não está completo, pois começa no instante em que Hefesto e Cratos castigam o titã, a mando de Zeus pai. Prometeu, em diversas partes da tragédia, se refere aos motivos que o levaram a ser acorrentado. A tragédia fazia parte de uma trilogia sobre Prometeu, mas as outras duas partes se

perderam.

O nome Prometeu, segundo a etimologia popular, teria vindo da conjunção das palavras gregas *pró* (antes) e *manthánein* (saber, ver). Ou seja, Prometeu equivaleria a prudente ou previdente. Embora, como afirma Ésquilo, Prometeu não supusesse o teor do castigo de Zeus ao desafiá-lo, ainda assim lhe é atribuído um caráter oracular, por ter proferido um vaticínio sobre a queda de Zeus, o governador. A profecia diz que o filho da nereida Tétis e de Zeus destronaria o pai. Por causa disso, Zeus desiste de seduzir a nereida e se apressa a lhe dar um esposo mortal, que acabou sendo Peleu. Este cuidado de Zeus também se verifica quando ele engole a mãe de Atena, Métis (sabedoria, astúcia), sua primeira esposa, para que não nascesse dela um segundo filho mais poderoso que o pai. Zeus engole Métis ainda grávida, e Atena, deusa da sabedoria, nasce da cabeça do pai.

Prometeu, que parece detestar Zeus - como se observa na tragédia esquiliana pelo desprezo a seu mensageiro Hermes ou quando critica a arrogância de Zeus e diz abominar os demais deuses - era filho do titã Iápeto e da oceânide Clímene. Apenas em Ésquilo a mãe de Prometeu é Têmis, a deusa da justiça. Tinha como irmãos Atlas, Menécio e Epimeteu, sendo que todos eles foram castigados por Zeus. Iápeto era irmão de Crono (Prometeu era, portanto, primo de Zeus) e de Oceano, que em Ésquilo sai do seu reino e avança sobre a Terra para tentar dissuadir o sobrinho Prometeu de sua revolta e dizer a ele que intercederia junto a Zeus, uma prova ferrenha de sua amizade.

Nos versos 510 a 516 da *Teogonia*, estes contam a história de Prometeu segundo Hesíodo. Consta ali que a primeira falta de Prometeu para com Zeus em favor dos homens foi quando dividiu um boi em duas partes, uma cabendo a Zeus e outra aos mortais. Na primeira estavam as carnes e as vísceras, cobertas com o couro. Na segunda, apenas os



sos, cobertos com a banha do animal. Zeus, atraído pela banha, escolhe a segunda, e então a raiva, o rancor, e a cólera lhe subiram a cabeça e ao coração. Por conta disso, Zeus castiga os homens, negando a eles a força do fogo infatigável. O fogo representa simbolicamente a inteligência do homem. A afronta definitiva de Prometeu, porém, ocorre quando este rouba “o brilho longevivo do infatigável fogo em oca Férula” (*Teogonia*, 566). Com isto, Prometeu reanimou a inteligência do homem, que antes era semelhante aos fantasmas dos sonhos.

A fala de Prometeu na tragédia de Ésquilo remete para ele a dívida dos mortais por terem a habilidade de, por exemplo, construir casas de tijolos e madeira. Os mortais, diz o titã, tudo faziam sem tino até que este lhes ensinasse “as intrincadas saídas e portas dos astros. Por elas inventei os números (...) a composição das letras e a memória (...), matriz universal.” Prometeu diz, enfim, que os homens devem a ele todas as artes, inclusive a de domesticar animais selvagens e fazê-los trabalhar para si.

Por conta dos mortais terem o fogo, Zeus armou uma armadilha: mandou o filho de Hera, o deus coxo e ferreiro Hefesto, plasmar uma mulher ideal, fascinante, ao qual os deuses presentearam com alguns atributos de forma a torná-la irresistível. Esta mulher foi batizada por Hermes como Pandora, (*pan* = todos, *dora* = presente) e ela recebeu de Atena a arte da tecelagem, de Afrodite o poder de sedução, de Hermes as artimanhas e assim por diante. Pandora foi dada de presente para o atrapalhado Epimeteu, que ingenuamente aceitou, a despeito da advertência de seu irmão Prometeu. A vingança planejada por Zeus estava contida numa caixa, que foi levada como presente de núpcias para Epimeteu e Pandora. Quando esta, por curiosidade feminina, abriu a caixa e rapidamente a fechou, escaparam todas as desgraças e calamidades da humanidade, restando apenas a

esperança.

Quanto a Prometeu, foi castigado sendo preso pelas inquebráveis correntes de Hefesto no meio de uma coluna, e uma águia de longas asas enviada por Zeus comia-lhe o fígado imortal. Ao cabo do dia, chegava a negra noite por Prometeu ansiada, e seu fígado tornava a crescer. Teria sido assim eternamente se não fosse por intervenção de Hércules, que matou a águia como consentimento de Zeus.

### O Mito por Platão

No *Protágoras* de Platão, todas as criaturas vivas aparecem como obra de vários deuses, que as plasmaram inicialmente com terra, limo e fogo. A palavra latina homem está ligada a *humus* (terra) e os gregos acreditavam que uma centelha divina de imortalidade percorria toda a Terra. São os outros deuses que incumbem Prometeu e Epimeteu de dar aos seres as qualidades necessárias para se sustentarem quando viessem à luz. Epimeteu, por ser atrapalhado, torna-se um reversor dos benefícios de Prometeu aos homens, tanto em Hesíodo quanto em Platão. Protágoras continua a narrativa dizendo que Epimeteu pediu a seu irmão para que deixasse por sua conta a distribuição das qualidades, cabendo a Prometeu apenas uma revisão final.

Começa então a divisão compensatória de Epimeteu: a alguns dá força sem velocidade, a outros dá apenas velocidade. Para algumas criaturas, Epimeteu deu armas. Aos que não a tinham, achou diferentes soluções, como asas para fugir aos pequenos e tamanho a outros. É certo que asas são um meio de transporte ideal para as fugas, mas também o são para a caça. As qualidades foram assim distribuídas para que houvesse um equilíbrio, e não viessem as espécies destruir umas às outras. Depois Epimeteu provê os seres com o necessário para sobreviverem no frio, os pêlos. Por último determinou o que cada um

deveria comer, de acordo com a sua constituição: ervas, frutos, raízes e carne. Os que comiam carne, de acordo com o mito, se reproduziriam menos do que os herbívoros.

Epimeteu, por não refletir, termina a sua distribuição das qualidades, mas deixa de lado um ser: o homem. O que sobrou para o homem? Nada, permaneceu nu e sem defesa. Estava se aproximando a hora determinada para que o homem chegasse à luz e Prometeu aparece para fazer sua parte. Não encontrando outra solução, Prometeu é obrigado a roubar o fogo de Hefesto e a sabedoria de Atena, deusa de olhos verde-mar. De posse dessas duas qualidades, o homem estava apto a trabalhar o fogo nas suas diversas utilidades, e assim garantir a sobrevivência. Porém, a qualidade necessária para os homens se relacionarem entre si se encontrava nas mãos de Zeus: a política. E era proibido a Prometeu penetrar na Acrópole de Zeus, vigiada por temíveis sentinelas.

Protágoras termina o mito dizendo que consta ter sido Prometeu morto por este crime, o que não é possível, pois Prometeu era imortal. As diferenças entre as narrativas de Platão e Hesíodo são mais visíveis que as semelhanças. Por exemplo, em Hesíodo o trabalho é um castigo do Crônida aos mortais, o mito platônico nos leva a crer que o trabalho é uma dádiva.

O nascimento dos mortais em Hesíodo é bem anterior a Platão, se tomarmos como referência o roubo do fogo, que em Hesíodo se dá depois do nascimento dos homens. Em

Ésquilo, o homem vive por séculos sem conseguir a aptidão necessária, antes de receber o fogo como presente. Isto representa a dificuldade de sobrevivência do homem nas eras primitivas, ou a miséria do homem na Idade do Ferro.

Em Platão o homem já obtém a capacidade de trabalhar o fogo desde a sua criação. A miséria em Platão consiste na falta da arte política, indispensável para a fortificação dos homens em cidades e a instituição de um governo virtuoso baseado na justiça.



Diz Platão que não demorou aos homens usarem a sabedoria herdada de Atena para desenvolverem uma linguagem, construir casas e roupas e procurar alimentos. Porém, não tendo política, não conseguia vencer as feras nem guerrear, pois não tinham a arte militar, parte da política. E, ao tentar se reunirem em grupos, a anarquia reinante fazia de todos, inimigos e vítimas de querelas militares. Os homens então passaram a se destruir, vítimas das feras e deles próprios.

Zeus, preocupado com o iminente desaparecimento do homem, mandou seu filho e mensageiro Hermes distribuir pudor e justiça, para que pudessem se relacionar e subsistir. O pudor e a justiça deveriam, ao contrário das demais artes, serem distribuídos igualmente a todos os homens, e aqueles que não a tivessem deveriam morrer, por estarem contra o princípio unificador da sociedade.

Sócrates apresentara a Protágoras, como

principal objeção à impossibilidade do ensino da virtude o fato de homens virtuosos, como Péricles, não terem tido filhos virtuosos. Como ficaria o mito de Protágoras então, se ele diz que a virtude é necessária e comum a todos? Protágoras não pretendia o seu mito verdadeiro, ele é um instrumento escolhido, dentre outros, para expor a sua teoria. Para Protágoras todos os homens são capazes de alcançar a virtude, mas somente pelo estudo e aplicação. Ninguém puniria as pessoas que tem algum defeito sem ter culpa, como a feiúra ou a baixa estatura, mas alguém que se apresenta injusto é punido. Para ser justo, o cidadão grego era ensinado desde pequeno a ser racional e a caminhar para a virtude, pelos pais, que procuram a cada ato demonstrar as virtudes como justiça, temperança e santidade. Na formação das crianças, também é usado o exemplo de heróis virtuosos do passado, cantado em poemas como os de Homero. Se a criança aprende, tudo bem, senão, ela é levada a se corrigir através da ameaça de castigos violentos. Isto é explicado por Protágoras com o exemplo dos tocadores de flauta. A virtude é generalizada, imaginemos que tocar flauta também o fosse: é de se esperar que os filhos dos melhores tocadores de flauta fossem melhores também? Não necessariamente. Todos saberiam tocar flauta minimamente, mas os grandes talentos nasceriam em famílias diferentes. Fica assim respondida a questão de Sócrates, que ficou muito impressionado com a sabedoria de Protágoras: todos teriam virtude em potência, mas somente os mais aplicados conseguirão. A virtude, portanto, é a razão, mas exercida por favor divino. A base é o mito, é necessário receber um bom quinhão das moiras para poder agir retamente, conforme a razão e o raciocínio ditam. Platão nos leva a crer que quem age com virtude - elevando assim o seu espírito - é recompensado. No mito de Protágoras, a virtude é presente divino, mantenedor da coesão social, mas só alcançável pela prática e estudo aplicado.

### O Mito Interpretado

*"Essas coisas não aconteceram nunca,  
mas existiram sempre"*  
Salústio, *Degli Dei e del mondo*

Foi descrito que da união de Urano (Céu) com a Terra (Gaia), teriam se originado Cronos (Saturno) e Lápeto. Cronos daria origem a Zeus (Júpiter). Por sua vez Lápeto se uniria a Clímene, dando origem a linhagem dos Titãs: Menécio, Atlas, Epimeteu e Prometeu. Epimeteu se uniria a Pandora, Prometeu se uniria a Celeno (ou a Clímene?), da primeira união surgiu Pirra, e da segunda, Deucalião. Como veremos adiante, após o "dilúvio", Pirra e Deucalião se uniram dando origem a toda a humanidade atual. Verificamos a iniciativa dos antigos gregos em descrever a genealogia de uma "família" divina.

A palavra grega para Prometeu teria parentesco, também com o sânscrito, dando a idéia de pensar, premeditar, prevenir, relacionada ainda com a "produção do fogo por perfuração". Prometeu em grego, significa na acepção do termo, "pré-pensador" e pode ser interpretado como aquele que pensa antes de agir. Epimeteu é o "pós-pensador", ou aquele que age antes de pensar. Enquanto o primeiro calcula, delibera, buscando prever e domar o futuro, Epimeteu se entrega ao impulso, desfruta, buscando tirar do momento tudo o que ele oferece de melhor. Portanto, Prometeu e Epimeteu, primos de Zeus, representam pólos extremos e simétricos da relação entre o pensar e o agir.

Antes da criação da terra, do mar e do céu, todas as coisas tinham aspecto de uma massa confusa e disforme denominada *Caos*. Posteriormente, as divindades primitivas separaram a água da terra e o céu de ambas. Mais adiante, criaram as plantas e os animais. Mas era preciso um animal mais nobre, então, as divindades incumbiram os dois titãs da tarefa de criar o homem. Não se sabe se ele foi cri-

ado a partir de matérias divinas ou da terra, recentemente separada do céu, e onde ainda restavam algumas sementes celestes. A criação humana altamente contraditória que resultou reflete a grandeza e as fraquezas peculiares a cada um dos criadores.

Aparentemente, ao completar a tarefa, Prometeu troca de lado e se alia aos mortais na luta contra a opressão e a avareza dos deuses. Durante a criação dos animais e do homem, coube a Epimeteu, supervisionado por Prometeu, a tarefa de providenciar os meios necessários para a sobrevivência e o crescimento deles. Epimeteu começou a distribuir as diversas qualidades aos vários animais: coragem, força, velocidade, sagacidade; as asas a uns, garras a outros, uma cobertura de concha a outros, etc.

Quando chegou a vez do homem, Epimeteu que fora liberal na distribuição das várias qualidades, nada mais tinha para conceder. Prometeu percebendo a situação, com a ajuda de Minerva, subiu ao céu, acendeu sua tocha no carro do sol e trouxe o fogo à terra para o homem. O fogo permitiu-lhe fabricar armas, com as quais submeteu os outros animais; criar ferramentas, com as quais cultivou a terra; aquecer a sua moradia, ficando de certo modo independente do clima; e finalmente, promover as artes e cunhar moedas, com as quais pôde comerciar.

Zeus não gostou da insubordinação de Prometeu e ordenou que se moldasse um ser esplêndido e irresistível, Pandora, que poderia ser entendida como "todos os encantos, todas as virtudes". Zeus incumbiu Hermes, o mensageiro dos deuses, para que, disfarçado como um velho brincalhão, conduzisse Pandora, juntamente com um porta-jóias, até a terra. A intenção era que ela seduzisse Prometeu e oferecesse a ele uma caixa nupcial contendo as mais valiosas prendas do Olimpo.

Prometeu, espertamente esquivou-se da

oferta, além de alertar Epimeteu dizendo que "nunca devemos aceitar um presente dos deuses". Epimeteu cedeu aos encantos e casou-se com Pandora. Em seguida, num ato intempestivo, talvez de Pandora, ou de Epimeteu, a caixa nupcial foi aberta. Da caixa de Pandora emergiram toda forma de males e sofrimentos que assolam a humanidade: a velhice, o trabalho, as doenças, os vícios e as paixões. Ou, no dizer de Pandora: "Eu trago amor mas também loucura e todo tipo de sofrimento". Há uma outra versão, na qual Pandora foi enviada de boa fé por Zeus, para abençoar o homem. Nessa versão, os deuses dão-lhe a caixa, dentro da qual colocaram suas várias bênçãos. Pandora teria aberto esta caixa sem o devido cuidado e todas as bênçãos escaparam, permanecendo apenas a esperança. Essa história parece ser mais provável que a anterior, pois como poderia a esperança, jóia tão preciosa, ter sido guardada num recipiente cheio de toda a sorte de males, como se diz na primeira versão?

Paralelamente, devemos recordar a relação do mito de Hércules com o de Prometeu. Sabemos que Hércules para se purificar de um crime foi incumbido de desenvolver doze trabalhos, nos quais foi auxiliado e orientado por vários mestres, dentre eles o centauro Chíron (ou Quíron) que habitava uma gruta. Por sua sabedoria, inteligência e virtude, Chíron diferenciava-se dos outros centauros e recebeu de seu pai, Saturno, conhecimentos de medicina, magia, arte de adivinhar o futuro, astronomia e música.

Um dos trabalhos de Hércules foi destruir um monstro, que tinha o corpo aparentemente feminino e deformado, apresentando múltiplas cabeças semelhantes a serpentes que aterrorizava a região de Lerna, que fica próxima a Argos, a chamada Hidra de Lerna. O herói conseguiu vencê-la ao usar toda sua habilidade para decepar as múltiplas cabeças. Hércules sabia que o sangue do monstro era extremamente venenoso, assim, embebeu nele suas flechas, tornando-as mortíferas pa-



ra sempre.

Um personagem que freqüentemente agredia e ameaçava esse herói era o centauro Nessos. Certa vez, Hércules encontrava-se no interior de uma gruta e percebeu contra a luz da saída da cavidade, um centauro. Rapidamente, ele se armou com seu arco e lançou a flecha envenenada, achando que se tratava de Nessos. Para seu espanto, era Chíron quem ali estava a sua procura. Embora com um ferimento gravíssimo na pata o centauro não morrera, já que era imortal, mas estava sofrendo de dores lancinantes em uma lesão que não cicatrizava. Devido ao sofrimento, Chíron solicitou a Plutão que lhe fosse permitido abandonar o reino dos vivos. O centauro foi alertado que esta passagem do reino dos vivos para o dos mortos, somente seria permitida se encontrasse alguém que aceitasse e recebesse a sua imortalidade. Hércules tratou de rumar ao Cáucaso, onde matou a águia e arreventou as correntes libertando Prometeu



teu que havia aceito a troca proposta por Chíron. Desta forma, Prometeu retorna de seu castigo, reconcilia-se com Zeus e volta para o Olimpo; mas já que Zeus afirmara que o suplício duraria milhares de anos e que um deus não deve mentir, excogitou-se um subterfúgio. De um dos elos da cadeia que agrihoava o Titã se fez um anel, no qual se introduziu um pedacinho do rochedo; desse modo, Prometeu continuava, simbolicamente, sempre preso ao Cáucaso.

### **O Dilúvio**

A humanidade anteriormente criada, passou por várias fases, a primeira chamada Idade Áurea, era da inocência e da felicidade, segui-

da da Idade de Prata, inferior a anterior, embora melhor que a de Bronze, que deu ao homem um temperamento mais violento, obrigando-o a recorrer às armas. A pior e mais dura foi a Idade do Ferro, época que os crimes aumentaram e a modéstia, a verdade e a honra desapareceram.

Zeus, vendo o estado das coisas na terra, encheu-se de ira e convocou os deuses para um concílio. A estrada onde estão os palácios dos deuses, percorrida por eles até o palácio do céu pode ser vista até hoje como a Via Láctea. Quando os deuses estavam reunidos, Zeus descreveu-lhes os acontecimentos e terminou dizendo que era sua intenção destruir a população inteira e criar uma nova

raça terrestre diferente da primeira, que fosse mais digna de viver e mais devota dos deuses. Ao terminar o discurso, pegou um raio e preparou-se para lançá-lo contra a terra, a fim de destruí-la por meio do fogo. Mas foi alertado, a tempo pelos deuses, que uma conflagração

dessa poderia incendiar o próprio céu e o Olimpo. Então ele mudou de idéia e resolveu afogá-la com um grande dilúvio.

Desta catástrofe, que encobriu todas as montanhas, somente o Parnaso ficou mais alto que as águas, onde se refugiaram apenas Pirra e Deucalião. Ele, um homem justo e ela, uma devota fiel dos deuses. Com o abaixamento do nível das águas e o reaparecimento da terra, cabe a este casal o repovoamento da terra. Eles consultaram um oráculo em um templo ainda cheio de lodo e receberam como resposta:

"- Saí do templo com as cabeças cobertas e as vestimentas soltas, e atirai para trás de vós os ossos de vossa mãe".



Depois de muita reflexão, eles entenderam que a terra é a grande mãe e as pedras são seus ossos. Dessa forma, obedeceram lançando pedras para trás por sobre as cabeças. Quando as pedras caíam, começavam a amolecer e aos poucos tomavam uma aparência tosca humana. Aos poucos, como se estivessem na mão de um escultor, as pedras lançadas pela mão de Pirra transformavam-se em mulheres, enquanto que as lançadas por Deucalião, em homens.

Prometeu desafia os deuses e quer ultrapassá-los. Amarrado ao pilar da necessidade, ele encontra alívio no sono, mas segue aterrado por ansiedades e pensamentos céleres como a águia, que ferem e dilaceram o seu espírito desperto e fazem do seu corpo uma fonte de tormento.

Epimeteu é o servo inconstante dos impulsos e que o arrastam pela vida. Jovial, extrovertido e como que embriagado dos sonhos generosos e esperanças que alimenta, ele tropeça pela existência em meio a apuros e prazeres efêmeros. Toda opção tem custos. O conflito entre Prometeu e Epimeteu é de todas as épocas e povoia cada peito humano. Na fábula dos dois irmãos mitológicos, está a lenda de todo um povo que aspira aos poderes e confortos da racionalidade de Prometeu, mas se nega obstinadamente a abrir mão dos gozos e delícias da imprevidência de Epimeteu.

A lição do mito de Prometeu, é que podemos transcender as nossas limitações, desde que isso não seja um gesto gratuito. Perdemos alguma coisa e, às vezes, é a que mais queremos. No caso de Prometeu, perdeu a liberdade, a integridade física, seu contato com os humanos. Porém o que ganhou no final, depois de suportar o castigo de Zeus, foi a integração com o coletivo, seu sacrifício sublimou a sua existência e ele superou o estágio do egoísmo da individualidade. Através desse sofrimento pessoal alcançou a

imortalidade. Sua dor não foi vã: a humanidade sobreviveu graças a seu gesto heróico de roubar o fogo do céu.

### *O Mito na Astrologia*

Estamos na Idade do Bronze. Muita coisa estava acontecendo: guerras, injustiças e toda sorte de crimes comuns e hediondos. A vida humana era considerada miserável e dolorosa de ser vivida. Zeus então resolveu acabar com tudo julgando que nenhum homem era merecedor da proteção de quaisquer dos deuses do Olimpo.

Pensando assim, Zeus determinou que se fizesse o dilúvio. Sabendo do que estava para acontecer, Prometeu avisou a seu filho Deucalião e o orientou para construir uma grande arca. Nela seriam colocadas a esposa, os familiares e as provisões necessárias. Choveu intensamente durante nove dias e nove noites. O planeta todo transbordava em água e a arca de Deucalião foi até o Monte Parnaso, um dos locais não invadido pelas águas. Desembarcaram em terra firme e imediatamente ofereceram um sacrifício a Zeus em agradecimento por suas vidas, aparentemente as únicas que restaram no planeta Terra. Porém a medida que as águas foram descendo, o casal entristecido via animais e pessoas mortas. Desesperados, pediram a Zeus que a raça humana fosse reconstituída. Assim, foram orientados a jogarem pedras para trás. A Terra foi então repovoada, porém pouco depois o homem voltou a apresentar os mesmos padrões de comportamento e nunca mais houve paz.

Prometeu, como aquariano, faz a escolha pelo grupo com o qual se identifica. Como signo fixo, os aquarianos se preocupam profundamente com a lealdade, a fidelidade, a confiança. Neste signo encontra-se o arquétipo da amizade, portanto eles se identificam com o grupo que partilha seus ideais e nem sempre com sua família de sangue. Sua opção é pelos

amigos e pela “tribo” que compartilhe suas idéias sobre a vida e sua visão a respeito do mundo.

A lenda de Prometeu é a que melhor representa o padrão mítico do Aquário. Sendo o grande “trabalhador social cósmico”, rouba o fogo sagrado para doá-lo à humanidade, para que todos tenham acesso a seus benefícios, mesmo tendo que pagar um alto preço por sua ousadia. O aquariano usa sua rebeldia em obras que favorecem a coletividade. Isto, muitas vezes, é encarado como sua missão na Terra.

Prometeu pode ser considerado um herói porque trouxe o fogo divino aos homens. Porém, do ponto de vista dos deuses, ele cometeu uma transgressão, pela qual foi severamente punido. Primeiro, com a caixa de Pandora, que traz a consciência da limitada condição humana, e depois com o castigo do Cáucaso. Essa situação chama a atenção: o senso de pecado que surge quando se faz qualquer esforço no sentido da realização individual. O isolamento de seus semelhantes é um paradoxo para a mente social do aquariano. Não por acaso, todos os campos de atividades consideradas, classicamente, aquarianas: a ciência, invenção, assistência social, psicologia e mesmo a astrologia, são mescladas pela solidão. Embora todo o trabalho seja feito para os outros, o profissional dessas áreas costuma ser, essencialmente, solitário. É como se precisasse desse tipo de tarefa, de promoção social e humana, para poder aliviar um pouco dessa intensa falta de compreensão, por se sentir um ser de outra dimensão.

Este mito marca a separação entre os homens que se tornaram conscientes de sua condição humana, e os deuses que passaram a viver nas alturas olímpicas, não mais dividindo seus poderes divinos com os mortais. Prometeu representava a ameaça constante de que esse poder fosse restituído aos homens e, por isso, mesmo depois de sua libertação, passou a viver entre os homens. Co-

mo o Aguadeiro, que rega o mundo com o seu saber, há uma ânsia nos aquarianos de expandir e divulgar suas idéias para todos.

Signo de vanguarda, nem sempre as pessoas conseguem compreender e nem assimilar a mensagem que ele traz. Radical, original, intempestivo, se fixa em idéias ou em uma ideologia, gostam de olhar o céu e contemplar o firmamento, são utópicos e podem apresentar grande dificuldade em lidar com a rotina do dia-a-dia, devem aprender a contemporizar, suas vidas estão sempre se remodelando e estruturas obsoletas são substituídas pelas novas, normalmente repudiam o animalesco, o primitivo, tem grande instinto civilizador num sentido gregário pois os aquarianos sentem-se confortáveis na criação de grupos.

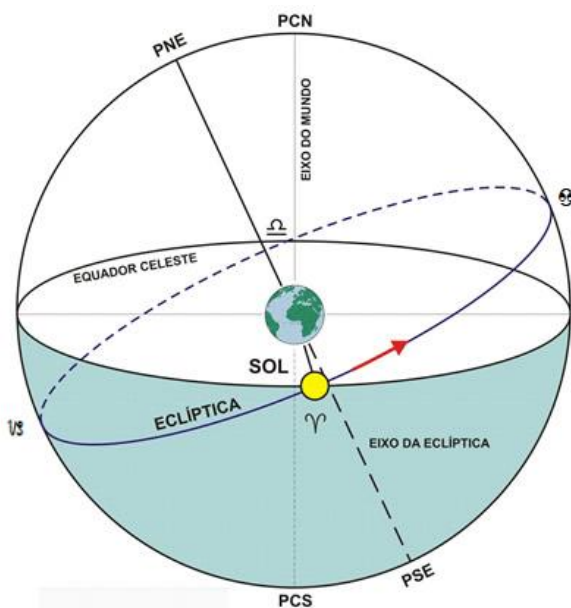
Porém, apesar de estar sempre voltado para a comunidade, para os grupos, é extremamente individualista. Muitas vezes são subtraídos de seus cargos ou do seio de uma comunidade em que representam um papel importante, mas é porque lhes está destinada uma nova função, com novas oportunidades, novos caminhos. Seus atos extremos, que muitas vezes, lhes dão a sua fama de exótico, na verdade são apenas tentativas de compartilhar as sementes do fogo, para que todos tenham acesso à sabedoria.

Como detém em si a mudança do status-quo, são tidos como rebeldes, revolucionários e anarquistas. Muitos inventores e artistas estão em grande número entre os aquarianos. Rompem fronteiras, não aceitam limites, buscam a verdade, são científicos e intelectuais. Tem muitas vezes uma criatividade compulsiva. Preocupam-se com a fidelidade, lealdade e confiança. A amizade lhes é importante pois é com os amigos que compartilham suas idéias. As vezes, os aquarianos tem a sensação de não pertencerem ao planeta terra ou a esta dimensão. Acham que tem uma missão mas nem sempre tem consciência de qual seja, são extremamente apegados a liberdade e defendem com tenacidade suas idéias.

## O Cone de Sombras

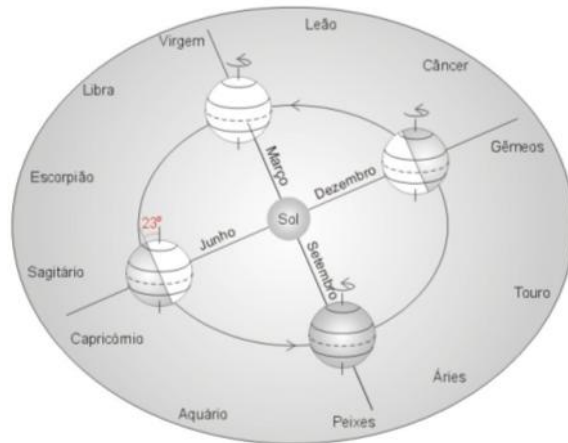
A alma é constituída da mesma substância que os astros, o éter, animada de um movimento circular perpétuo, ao contrário dos elementos terrestres que se movem retilineamente. O movimento circular, assegurado da imortalidade, é próprio da alma porque é próprio do éter. Sendo as almas da mesma essência que os astros, seu desejo inconsciente é o de voltar a eles, daqui a vontade pelas coisas do alto, pelas coisas divinas. As almas e os astros têm no éter um parentesco comum, que se pode deduzir da semelhança de seus movimentos. Este é o princípio que impulsiona as almas durante os Equinócios e os Solstícios.

A subida e a descida das almas do céu para o mundo sublunar e vice-versa se faz através das portas do céu. Estas são os dois pólos opostos pelos quais a Via Láctea corta o zodíaco e que são igualmente os dois pontos extremos que limitam o curso do sol: o **Trópico de Inverno** sob o signo de Capricórnio e o **Trópico de Verão** sob o signo de Câncer.



Pela porta de Câncer (Fundo do Céu), chamada "Porta dos Homens", se faz o descenso das almas sobre a terra, enquanto que pela

porta de Capricórnio (Meio do Céu), chamada "Porta dos Deuses", se faz o retorno das almas ao plano divino.



Atraída pelo ciclo reencarnatório, a alma, desce pelo Trópico de Câncer para a constelação de Leão. Entre Câncer e Leão ela bebe da Taça do Esquecimento, e depois corre ao longo do Zodíaco até as esferas planetárias inferiores.

De cada uma das órbitas planetárias ela empresta uma vestimenta etérea e as faculdades correspondentes, tanto positivas como negativas para atender as experiências da próxima encarnação:

### Influências Planetárias na Gestação

A alma tem sua origem no éter, mesma substância da qual são formados os planetas, mas a medida que elas descem nas camadas mais densas da natureza elas são governadas pelo elemento ar, e como o elemento ar contém o bem e o mal, a alma esta sob os influxos da ira que domina a natureza.

A alma se nutre com alimento espiritual, de acordo com seu temperamento, é a maneira que tem de acender seu próprio fogo, cujo combustível deve ser seu próprio temperamento ou alguma substância que lhe advenha

MÊS	PLANETA	INFLUÊNCIA
1°	Saturno ♄	constituição da estrutura geral do ser humano
2°	Júpiter ♃	age sobre os temperamentos
3°	Marte ♂	age sobre o sangue, a criança começa a se movimentar
4°	Sol ☉	ilumina com seu calor e sua vida o ser em formação
5°	Vênus ♀	dá a beleza da forma exterior
6°	Mercúrio ☿	age sobre todos os movimentos e o sistema nervoso
7°	Lua ☾	aperfeiçoa, com sua influência, a obra realizada (a criança pode nascer)
8°	Saturno ♄	aperfeiçoa todos os ossos e todas as fibras
9°	Júpiter ♃	dá a força a todos os elementos vitais, o ser está completo para nascer

de Deus.

A alma será dirigida e governada de acordo com aquilo que a nutrir. Se ela se evade de seu próprio temperamento para as coisas divinas, ela se nutre da substância celestial; então, a alma obtém uma vontade divina e obriga o corpo a fazer aquilo que não faria, de acordo com sua natural inclinação ou temperamento.

Neste estado, não é o temperamento que governa a alma, mas sim a alma que exerce domínio sobre o corpo exterior.

Quando a alma trava uma luta com o temperamento para ver quem exerce o maior domínio, a pessoa sente-se perturbada e se atormenta porque não consegue abrir, com seus desejos, as virtudes que possui em seu interior, lamenta-se e teme que Deus a tenha abandonado à sua própria sorte.

Em essência toda alma é imortal, sendo imortal tudo aquilo que está sempre em movimento. Sendo assim, toda alma que é aprisionada numa existência de penalidade dentro

do Cone de Sombras, não possui movimento e isto pode levá-la à sua extinção.

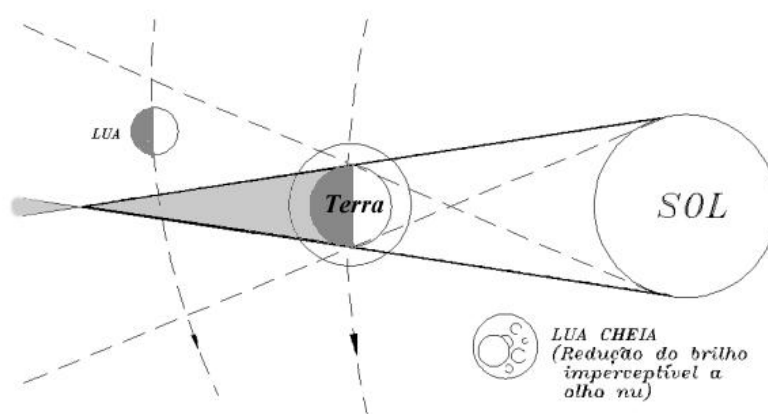
O **Cone de Sombras** é, conforme o caso, o inferno ou purgatório verdadeiro. As almas, prisioneiras do corpo astral e de sua atmosfera fluídica, ali sofrem martírio, presas ao assalto das larvas dolorosamente expulsas do cadáver e que, tendo feito na auréola seu

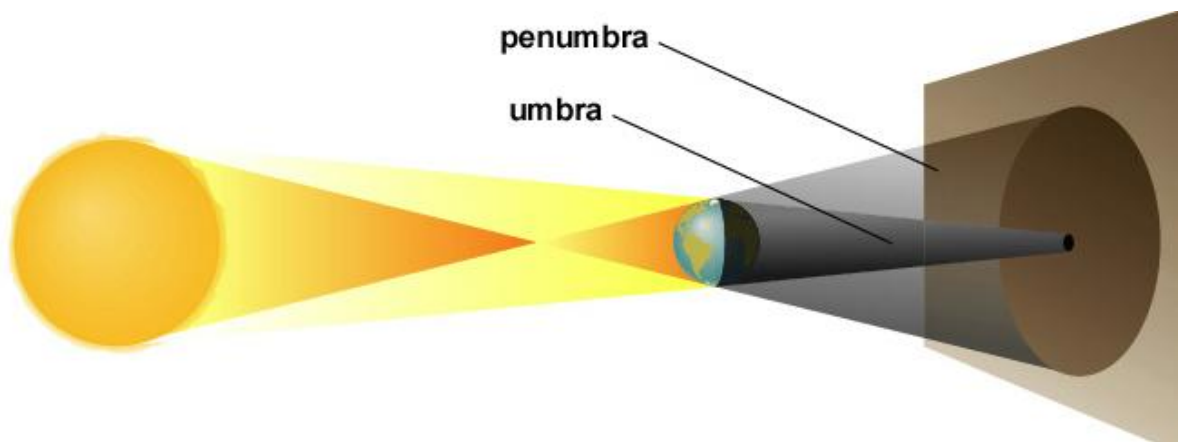
domicílio, procuram prolongar sua existência parasitária, devorando inteiramente viva a Psique.

A Psique deve dissolver esses coágulos, um após o outro, pela força de

sua vontade, renunciando inteiramente aos vícios que são os fantasmas e os símbolos. É uma guerra de morte, porque o Perispírito é um obstáculo poderoso, com toda sua vontade. Se perder a batalha e deixar-se invadir (e é suficiente para isso um instante de fraqueza ou de consentimento tácito), os esforços de desassimilação dilacerante recomeçarão.

A maior parte das almas contaminadas, presentindo bem o que lhes reserva a suprema alternativa (ser ou não ser), lutam com cora-



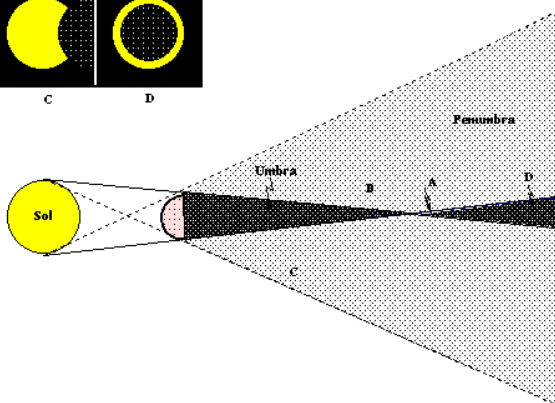
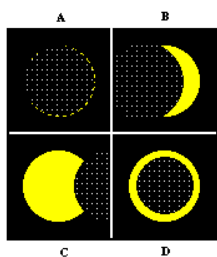


gem e conseguem dissolver rapidamente suas larvas. E, se qualquer fraqueza as condena à recaída após o doloroso esforço, essas almas nada fazem senão passar pelo estado elementar.

Outras almas, em número menor, não reagem mas aceitam, sem nenhum esforço para sair, a miserável condição que lhes foi dada. Elas perpetuam sua prova passageira e não aspiram nada senão nutrir-se de exalações terrestres, saciar com fluido humano esse corpo astral que elas deixam, em geral, ser invadido prontamente pelas lemúrias do nimbo. As lemúrias são os elementares que se manifestam algumas vezes nas sessões espíritas. Essas almas frequentam, de bom grado, os lugares onde traçaram sua existência material e saciaram suas paixões dominantes.

Para se manifestar sobre o plano objetivo, os elementares têm necessidade, como todas as outras lemúrias, da força psíquica que normalmente lhes falta. Também se saciam, o máximo possível, na fonte equívoca e frequentemente lodosa da mediunidade.

O “ciclo” reencarnatório, isto é, o processo de transmigração das almas, é chamado pela Kabalah de Gilgul. Geralmente é representado como uma sucessão natural na vida da alma, que necessita ocupar vários corpos para aprender as muitas lições. Isso é necessário para que ela possa, algum dia, se unir a Deus. A alma entra no corpo com o nascimento e não com a concepção. Assim, a criança que está a ponto de deixar o corpo da mãe, está preparada para viver um período de vida normal, devido à experiência adquirida pela alma.



Com a degradação das almas e seu apego à matéria, surgem suas distorções: Dybbuk e Ibbur.

O **Dybbuk** – uma alma desencarnada se “apossa” de um corpo vivo que pertence a uma outra alma. Há várias origens atribuídas a esses espíritos. No início, eram considerados “demônios nãohumanos”, depois se reconheceu que eles eram pessoas falecidas. O Dybbuk pode ser a alma de um pecador que deseja escapar ao justo castigo, seja aquele infligido pelos anjos, seja uma outra forma de castigo, como por exemplo vagar sobre a terra. Um Dybbuk pode procurar se vingar



de um mal que lhes foi feito enquanto viveu. Alternativamente, pode ser alguém “perdido”, que entrará em um corpo simplesmente para buscar ajuda. A pessoa viva pode ou não saber que um Dybbuk está ocupando seu corpo. Também pode ser atormentado, sem saber o que se passa. Isso depende da intenção da alma alienígena.

O **Ibbur** - A tradução literal do hebraico desta palavra é "impregnação". Ibbur é a forma mais positiva de posse, e a mais complexa. Acontece quando uma alma íntegra decide ocupar o corpo de uma pessoa viva durante algum tempo, e se une a ela ou, espiritualmente falando, "satura" a alma encarnada. O Ibbur é sempre temporário, e a pessoa viva pode ou não saber o que aconteceu. Frequentemente a pessoa viva “consente” com o Ibbur. A razão para o Ibbur é sempre benevolente, isto é, a alma desencarnada deseja completar uma tarefa importante, uma promessa, ou executar um Mitzvá (dever religioso) e isso só pode ser realizado na carne.

Se, apesar dos auxílios que lhes chegam da parte da humanidade celeste, esses miseráveis elementares persistem indefinidamente em uma existência degradante, arriscam-se a chegar, após séculos desse lento suicídio, ao embrutecimento, à obscuridade total da centelha divina. Arriscam mesmo, acreditam alguns, reencarnarem sob forma animal.

Em princípio, o Cone de Sombras não é nada além de uma estadia passageira, um purgatório. Somente para aqueles que ali se demoram voluntariamente, ele se torna um abismo de torturas sem fim, um inferno.

Em muitos casos, quando uma excepcional vontade acrescida de um grande vigor anímico, pouco comum, não lhes serviu para libertar-se desse “vale de sombras da morte”,

que lhes era assinalado como purgatório, há seres que podem, como vimos acima, trocar sua herança imortal por um feudo de iniquidade no reino do “satélite obscuro”, e se tornarem os legionários da sombra, os maus demônios do mundo magnético inferior (ministros dos maus espíritos).

Os elementares resignados e os demônios perversos se comprazem nas baixas regiões do Cone de Sombras. Mas as almas penadas, que lutam bravamente e se esforçam para sair dali, se elevam à medida em que perdem seu peso terrestre. Quando nada mais têm do que se despojar, a não ser sua forma astral, então lhes é permitido manter-se na penumbra, aonde algum claro de esperança lhes chega.

Dissolvidas todas as larvas que foram eliminadas do corpo astral, eis o fim da prova à qual a alma foi submetida, consumando-se então a segunda morte: o despojo de sua forma astral, cuja substância, emprestada ou assimilada da atmosfera oculta do planeta, deve a ela retornar.

É pela virtude do Cristo, tipo e síntese da humanidade, que se regeneram as almas, poluídas durante sua estada nos corpos.

Cristo é Amor e Sabedoria. A Sabedoria do Cristo concentra-se na Lua, e sua virtude, ou seu Amor, no Sol. Esses astros maiores, de nosso ponto de vista, são duas naves vagando pelo éter sem limites: a Lua é plena de uma água sutil e translúcida; do Sol se irradia um fogo muito puro.

São como dois banhos onde as almas se despojarão, alternativamente, das máculas terrestres. Elas habitarão primeiramente na Lua, para ali serem purificadas pela água e pela sabedoria. Depois habitarão no Sol, onde serão purificadas pelo fogo e pelo amor, virtudes essenciais do Cristo.



## O Processo de Regeneração Segundo Louis Claude de Saint-Martin

### *Ou A Alquimia Interior por Jean-Louis Ricard*

#### *Os Três Tempos da Grande Obra*

Antes de se afastar da teurgia operativa de seu mestre Martinez de Pasqually, Saint Martin praticou-a insistentemente até obter resultados convincentes.

Robert Amadou não foi injusto ao afirmar que Saint Martin teria conservado a teurgia, “interiorizando-a”.

“Ao pregar e celebrar uma teurgia intracardíaca, não cerimonial” o Filósofo Desconhecido sem dúvida transcendeu o Martinezismo abrindo uma via que Papus posteriormente chamou de Martinismo.

O processo de regeneração do homem pode ser incluído nas quatro obras que são objeto deste estudo; este processo é o mesmo do Hermetismo que Saint Martin rejeitava tão explicitamente. O Filósofo Desconhecido abdicava de toda “operação” externa assim como de toda prática alquímica de laboratório, preteridas pelo oratório interno.

Esta via da interioridade apóia-se, entretanto sobre os mesmos princípios das quatro vias do Hermetismo ou da Alquimia dita “externa”:

“Purificai-vos, pedi, recebei e agi. Toda a Obra esta nesses quatros tempos”.

Purificai-vos,	Ecce Homo
Pedi,	O Homem de Desejo
Recebei	O Novo Homem
E Agi,	O Ministério do
	Homem Espírito

Certamente, esta progressão em quatro tem-

pos não prova por si mesma que Saint Martin serviu-se de uma via alquímica, mas quando nos fixamos nos estudos destas quatro obras, os elementos tornam-se claros.

Assim, a primeira etapa em alquimia é chamada Obra em Negro.

#### *A Obra Em Negro*

Corresponde à “primeira coloração aparecida no Solve alquímico”.

Esta primeira etapa possui vários nomes na Ciência Hermética: “calcinação”, “trevas”, “morte”, “putrefação” ou “noite”.

Saint Martin consagrou Ecce Homo à expiação da falta original, e este estado de espírito engendra um processo de mortificação e de putrefação simbólico. Certamente, esta expiação encontra-se nas três obras principais, mas é nesta que a encontramos mais claramente definida.

O sentimento de culpa primitiva deve prevalecer por toda reabilitação ulterior, tudo como nas operações dos Elu Cohens onde as práticas são abertas pelas “preces de arrependimento e expiação”.

De fato, o Elu Cohen reconhece o crime do primeiro homem, Adão e também o de sua posteridade.

Saint Martin, também, o anuncia muito claramente: “teus padecimentos interiores... eis a obra; eis o primeiro degrau da obra”.

A expiação pelos “padecimentos interiores”, a mortificação, os choros chamados “lágrimas de miséria”, continuação da “degradação” devido ao crime primordial, “estado de enfermidade apático e tenebroso”, o horror no qual o homem decaído está

situado; quantas vezes não temos distinguido nestas obras a palavra “crime”: “tu pagas, infeliz homem, as noites do crime com juro”.

Saint Martin revive este crime cósmico com tal intensidade que, ao interiorizá-lo, tem consciência de experimentar a própria agonia de Deus: “assim não deveríamos fugir da agonia interna, igualmente são as palavras de agonia, que semeiam e que engendrarão, porque elas somente são a expressão da vida e do amor”.

Esta “santa ferida”, que deve se alargar, não prefigura a agonia romântica?

Mas a mortificação em Saint Martin somente é um estado passageiro, e uma etapa necessária, porque o homem, desde que se torna culpado, torna-se também capaz, e seu renascimento deve ser precedido por sua morte, segundo a ilustração da divisa alquímica da Fênix: “Perit ut vivat”. Se o desejo tem sido essencial ao renascimento, tem sido também essencial para a morte, porque a “libertação começou desde o instante da punição” e este desejo mortífero de aspiração para a morte é antes de tudo no autor um desejo de renascimento.

Assim, a obra que simboliza mais precisamente a Segunda Etapa da Obra alquímica não é “O Homem de Desejo”, mas sim “O Novo Homem”.

### **A Obra em Branco ou O Casamento Alquímico**

O Dicionário Alquímico fornece poucos elementos concernentes à obra em branco, “segunda cor da Obra, que corresponde ao segundo grau do fogo”.

A “pedra dos filósofos”, após ter passado pelo primeiro estágio de “putrefação”, embranquece e perde seus odores nauseantes.

Esta Segunda Etapa, dita “estágio da Lua”,

devido à sua brancura, é simbolicamente dedicada à “Ísis”, deusa lunar e à prata.

Mas esta segunda fase é, sem dúvida, uma das mais complexas, porque se o lado feminino e lunar prevalecem na primeira parte desta etapa, dita fase do branco, a segunda parte é chamada “hermafrodita”, porque “o enxofre e o mercúrio dos filósofos”, chamados “rei” e “rainha” equilibram-se e unem-se. Esta fase tão importante é a do reencontro, da união mística ou “núpcias alquímicas”.

“O casamento indissolúvel” que apregoa Saint Martin toma seu verdadeiro sentido nesta etapa da regeneração.

Certamente, a descrição do processo é expresso por variantes devido às técnicas diferenciadas, figuradas pela via externa ou a via interna. De fato, esta Segunda fase em Saint Martin corresponde à comunicação com o Santo Anjo Guardião, que o autor chama de “reconciliação”.

De fato a “reconciliação” é o segundo ato do processo de regeneração cuja finalidade somente pode ser a “reintegração dos seres”; “o termo final, e a destinação do novo homem, não deveria prevalecer sobre os degraus obscuros e sofridos de sua reconciliação?”.

Este casamento intimista do coração em Saint Martin, não é mais do que uma etapa da obra e não uma conclusão, “o termo final” está ainda por vir.

Mas “a estrela dos magos” que os alquimistas simbolizam pelo planeta Vênus e que se manifesta nesta fase, sobre a “pedra branca”, anuncia que a operação está em um bom caminho. “A estrela dos magos” é também chamada de “estrela da esperança”.

Esta esperança Saint Martin deixa pressentir porque, logo após “os degraus obscuros e sofridos da reconciliação”, branda “santificai-vos (disse Josué ao povo), porque o Senhor

fará amanhã entre vós coisas maravilhosas”. Estas “coisas maravilhosas” são anunciadas pelo Anjo Guardião.

O Anjo Guardião é chamado “o amigo” ou “o amigo fiel” pelo autor ao longo de sua obra; “é este amigo fiel que nos acompanha aqui embaixo em nossa miséria, como se estivesse aprisionado conosco na região elemental”.

É somente pelo “coração do homem” que o Anjo poderá entrar em contato com seu protegido.

“O Anjo” é a Sabedoria de Deus, “o coração do homem é o amor”; “eles somente podem ser unidos no nome do Senhor que é, ao mesmo tempo, o amor e a sabedoria que os liga na sua unidade. Nenhum casamento é comparável a este, e nenhum adultério é comparável ao que altera um semelhante casamento”.



Semelhante àquela estrela que guia o peregrino com a qual “o artista se liga” à aparição do “anjo terrestre”, unido em seu coração deve “preservar, dirigir e vigiar, ser o guardião e o mentor” do artista, do Homem de Desejo.

Esta presença instalada no Homem de Desejo deve, portanto guiar, por esta aliança ou união sagrada, o eleito na direção do “Novo Homem”, que toma assim o caminho da regeneração.

É necessário ressaltar, que esta comunicação com o “Santo Anjo Guardião”, existia no sexto grau da Ordem dos Elu Cohens do Universo de vocação teúrgica, de Martinez de Pasqually: “nós te invocamos, oh Santo Anjo, para ser o guardião de (sobrenome e nome do impetrante)..., e respondia sempre a seu apelo”.

Esta aliança é selada por preces evocatórias, e uma unção sobre a cabeça do impetrante lembra a “primitiva aliança do homem com o eterno” e, sobretudo o caráter sacerdotal desta união.

Esta segunda fase da obra interior ou alquímica é concluída com a etapa da união do “rei” e da “rainha” ou do Anjo que é espírito divino com o coração do Homem de Desejo, a terceira fase pode então ocorrer.

E é ainda na obra O Novo Homem onde será descrita toda a progressão e desenvolvimento da Obra em Vermelho. A Obra em vermelho, ou o nascimento da criança rei.

“Ao fim do magistério, a pedra é vermelha e fixa e como é perfeita, é chamada de Pedra Filosofal”. Possuirá o dom de transmutar certos metais em ouro, mas servirá igualmente de medicamento para o corpo e a alma. Este estado equivale também para os alquimistas ao “nascimento da

criança rei”.

Na Franco-Maçonaria, a pedra cúbica exposta no centro da Loja encontra-se ao lado do Sol, é chamada a pedra perfeita, do mesmo modo que a pedra filosofal.

Saint Martin fará uso igualmente do léxico maçônico para ilustrar um certo estado de consciência ou de iluminação interior: “esta pedra fundamental é realmente a raiz das setes fontes sacramentais que o Novo Homem descobre nele, quando passa pelas provas indispensáveis, como é nesse lugar onde descobre este divino instrutor do qual falamos anteriormente”.

As núpcias da etapa precedente, entre o Espírito de Deus e a alma do homem, semeiam aquilo que será o Novo Homem; assim

“a anunciação se faz em nós, e não tardamos em perceber que a santa concepção se fez desta maneira”, “devemos observar com atenção todos os movimentos que ocorrem em nós..., para não danificar o crescimento de nosso filho”.

O hermafrodita da etapa anterior engendra seu próprio filho, até o nascimento da “criança rei”, segundo a tradição alquímica que resgatou a tradição cristã do Cristo Rei. “O nascimento” constitui a etapa suprema da Obra em vermelho, “por este filho querido que acaba de receber o dia”.

O nascimento do Novo Homem é um nascimento espiritual, engendrado pelo espírito; no Tratado da Reintegração dos Seres Criados, Martinez de Pasqually descreve bem a diferença entre a posteridade de Caim e de Abel.

De fato, segundo o Tratado, Caim teria nascido de uma relação carnal entre Adão e Eva, e sua posteridade portaria as características desta ignomínia lembrando o pecado original.

Abel, seu irmão, seria igualmente filho de Adão, mas saído e concebido pelo espírito e não pela carne.

O Novo Homem seria, portanto a geração espiritual de Abel, bendito por Deus, vindo resgatar e opor-se à posterioridade de Caim, saído do pecado e concebido pela carne e “o entusiasmo animal”. É por isto que Saint Martin afirma: “este Novo Homem, no lugar de ter nascido da dor, da justiça e da condenação, é nascido da consolidação do amor, da misericórdia e da graça, recebida de seu pai”.

Caberá a nós no curso desta tese, aprofundar estes elementos relativos ao Tratado da Reintegração de Martinez de Pasqually.

O ponto essencial que ressalta Saint Martin reside no fato de que a Obra em vermelho não é concluída com o nascimento da criança rei, porque esta deve agora crescer e vencer

as etapas que a conduzirão à sua maturidade e a sua liberdade em Deus.

O mesmo ocorre na Alquimia, “a criança rei” é alimentada do leite de sua “mãe provedora” que é um composto em negro e em verde. É neste “composto” que se fortifica e se desenvolve a “criança rei” ou “granulação”.

Somente mais tarde a “criança rei” será alimentada do “sangue” da própria pedra em vermelho. Este crescimento da criança nascida, na idade adulta, comportará três tempos.

Os tempos de criança onde Saint Martin prodigaliza toda a atenção a “este filho querido que é ele mesmo”, “este novo filho que será o objeto dos cuidados mais assíduos”; mas por sua vez o Filósofo Desconhecido tratará de ser, “o filho, o pai, e a mãe”, tanto quanto dure a etapa da infância, etapa de descoberta e de fragilidade. Assim, “desconfia-te, portanto, homem, destas luzes precoces que te chegam sobre a natureza do ser que acaba de governar a tua ignorância”.

A segunda etapa é caracterizada pela “aproximação do segundo ano”, e Saint Martin compara o episódio de Jesus deixando seus pais se distanciarem quando da festa de Jerusalém, para ‘assombrar’ os doutores do templo que “o escutarão em silêncio, e estes doutores seriam as dúvidas que a matéria e as trevas dos falsos educadores teriam exaltado em teu seio”.

O Novo Homem se afirma, portanto em sua segunda idade como um instrutor, mas não “abriu a entrada do reino divino, porque ele está ainda em crescimento, e não atingiu a idade de sua virilidade”.

No terceiro tempo, na idade de sua maturidade, o “Novo Homem” recebe o “batismo corporal” da “mão de seu guia”, isto é de seu Anjo Guardiã.

Pela última vez, o Novo Homem se submete



ao seu “Anjo” para receber “este batismo corporal regenerador”, que lhe permite acender à “plenitude da divindade”.

O Novo Homem restabelecido e regenerado em seus direitos primitivos será superior aos anjos por ter saído diretamente do quaternário que é Deus do qual ele é “a imagem e a semelhança”.

“Esta entrada de Deus em nós”, manifesta-se “fisicamente” a partir do momento em que o Novo Homem pode “sentir que a divindade circula continuamente em torno dele, para encontrar um sentido por onde possa se introduzir até seu coração”.

Esta sensação da Presença de Deus é semelhante a circulação do fogo, que “o batismo corporal do anjo” teria ateadado.

Este fogo interior reanimará os “setes canais espirituais que aguardam toda a ordenação sacramental, para reconduzir os órgãos da fonte suprema”.

“Os setes canais”, mencionados por Saint Martin, representam os sete “centros espirituais” que os Elu Cohens devem tornar a despertar no curso de suas cerimônias teúrgicas, exatamente como estipulam as instruções Cohen: “os trabalhos que seguimos, não possuem outro objetivo; nas sete classes, ou nos sete graus devem ser abertos cada um dos sete selos, ou portas da inteligência”.

No sistema Cohen de Martinez, a última classe correspondia ao título supremo de Réau-Croix. Este último grau, que Martinez não conferiu mais que a um pequeno número, significa que o Eleito estaria pronto para ser reintegrado aos seus direitos divinos primitivos.

Ora, o Novo Homem ou Homem Regenerado de Saint Martin, corresponde estranhamente ao Rosa-Cruz de Martinez de Pasqually.

Certamente, a missão do Novo Homem não está acabada, porque deverá ainda passar pelas mesmas provas que o próprio Cristo passou para poder encetar seu ministério que é o do Homem Espírito.

### **O Quarto Tempo - O Ministério do Homem Espírito ou A Realização da Obra**

Se a manifestação de Deus é “trina”, segundo uma expressão cara a Martinez, seu espírito desperta do “quaternário”.

Assim, as três primeiras etapas da Grande-Obra Alquímica simbolizam a manifestação de Deus, mas a quarta revela o ministério do Homem Espírito acima de todas as suas formas e aparências.

O mesmo ocorre para o alquimista, “a verdadeira viagem começa quando ‘o adepto’ alcança a obra em vermelho”, ou seja a Pedra Filosofal.

Assim a filosofia alquímica deve utilizar a pedra para curar as mazelas da humanidade, porque “ela cura todas as doenças como a hidropisia, paralisia, apoplexia, a lepra, abrevia todas as doenças em geral”.

O Novo Homem recebe, portanto um ministério divino e torna-se um tipo de funcionário “da administração da coisa divina”.

De fato, torna-se um mestre da natureza, mestre em ciência e sabedoria para seus semelhantes, e por sua vez mestre e servidor do Verbo.

Servidor, porque foi regenerado por esta palavra divina que continua a receber e mestre porque a seu turno pode pronunciar o Verbo da própria divindade.

A regeneração do Novo Homem é feita pela

palavra: “Sim, Senhor, é pronunciando teu nome sobre o Homem de Desejo que tu renovas todo seu ser, e é pronunciando Teu nome sobre ele que nos tornamos de novo Vossa imagem e Vossa semelhança”.

O Novo Homem somente poderá cumprir seu ministério na idade da maturidade, porque a “criança” é aquela que não fala. A criança para Saint Martin “somente é afetada no princípio pelos sentidos mais grosseiros” e o uso da palavra somente lhe é atribuída no fim.

A comparação com a Franco-Maçonaria é evidente, porque o aprendiz com a idade simbólica de “três anos” não possui o direito à palavra. Pelo contrário, a classe secreta da Franco-Maçonaria do Regime Escocês Retificado, se divide em dois grandes finais: “Professo e Grande-Professo”. Ora, o Professo como todo professor é o que anuncia pela voz.

O Grande-Professo pode igualmente, na perspectiva Martinista, ser o Novo Homem, o homem regenerado pela palavra, e que pode desde então cumprir seu ministério.

O juramento maçônico faz parte integrante deste aprendizado do fenômeno sagrado que representa a palavra. Tudo que pode ser dito em Loja deve ser anunciado “forte e francamente”. Pelo contrário, todo maçom elevado ao grau de Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa (C.B.C.S), estaria “desobrigado de seus juramentos maçônicos”.

Concluimos que todo C.B.C.S. iniciado na classe secreta deveria ser isento de todo juramento, assim como entrave da palavra, porque é a palavra mesma que deve regenerar o Professo, e é também a palavra que deve ser o instrumento de seu ministério.

O ministério do Homem Espírito é o de “instruir” seu semelhante e seu irmão, o “Homem de Desejo”.

O Novo Homem “ainda que saia do mundo em espírito, ocupa-se com os seus que estão ainda no mundo, até que a Obra esteja inteiramente cumprida neles”.

O ministério do Homem Espírito é um ministério de “caridade espiritual”, porque o homem regenerado deve tender a exercer seu sacerdócio, para o bem do outro no que concerne a obra caritativa, e pela instrução da palavra para o que concerne ao espírito. Assim, para exercer e defender este ministério, o Novo Homem deve se incluir em seu mundo para professar:

**“Purificai-vos, pedi, recebei e agi, toda a obra está nesses quatros tempos”.**

A Grande Obra explicada por Saint Martin, notadamente na introdução do Tableau Naturel (Quadro Natural), nada mais é do que a Grande Obra Hermética. E, mesmo que o Filósofo Desconhecido se preserve de estabelecer ligações com a Ciência dos alquimistas que julga “muito material”, todos os princípios reais desta Ciência bem existem em suas obras.

Além disso, sua grande originalidade consiste na organização de um verdadeiro paralelo entre a Ciência Teúrgica de Martinez de Pasqually e a Ciência Alquímica dita Hermética.

A segunda etapa desta originalidade ergue-se da interioridade no qual estas duas ciências se fazem uma única, operando.

Robert Amadou fala da “internalização” da Teurgia martinista por Saint Martin e podemos facilmente acrescentar que o Filósofo Desconhecido internaliza as diferentes etapas do processo alquímico conduzindo à Grande Obra.

Teurgia e Alquimia não são mais ciências distintas, mas uma só e única ciência cujo gênio do autor soube romper os segredos, encontrados nos Arcano Arcanorum.

## Contos Espirituais

### O Buscador

Um dia um buscador da verdade sentiu em seu interior que devia ir à cidade da Felicidade. Ele tinha aprendido a obedecer rigorosamente a estas sensações que surgiam de algum lugar desconhecido de si mesmo, de maneira que abandonou tudo e partiu.

Após dois dias de marcha em empoeirados caminhos, lá longe divisou a cidade da Felicidade.

Um pouco antes de chegar à cidade, chamou-lhe poderosamente a atenção uma colina que se encontrava à direita do caminho. Ela estava coberta de um verde maravilhoso, com numerosas árvores, pássaros e flores encantadoras; tudo estava rodeado por uma pequena cerca envernizada. Uma pequena porta de bronze o convidava a entrar.



De repente sentiu que esquecia da cidade e não resistiu à tentação de descansar um momento naquele lugar maravilhoso. O buscador atravessou o portal e começou a caminhar lentamente entre as brancas pedras distribuídas como que aleatoriamente entre as árvores.

Permitiu que seus olhos pousassem como borboletas em cada detalhe desse paraíso multicolor. Seus olhos eram olhos de um buscador e, talvez por isso, descobriu sobre uma daquelas pedras aquela inscrição: "C. T. viveu 8 anos, 6 meses, 2 semanas e 3 dias."

Sentiu-se um pouco angustiado ao perceber que essa pedra não era simplesmente uma

pedra, era uma lápide. Sentiu pena ao pensar em uma criança tão nova enterrada naquele lugar.

Olhando ao redor, o homem se deu conta de que a pedra seguinte também tinha uma inscrição. Aproximou-se e viu que estava escrito: "N. P., viveu 5 anos, 8 meses e 3 semanas."

O buscador sentiu-se terrivelmente transtornado e angustiado. Esse belo lugar era um cemitério e cada pedra era uma tumba. Uma por uma começou a ler as lápides. Todas tinham inscrições similares: um nome e o exato tempo de vida do morto. Porém, o que lhe causou maior espanto foi comprovar que quem mais tinha vivido, apenas ultrapassava os 11 anos...

Invadido por uma dor muito grande, sentou-se e começou a chorar.

A pessoa que tomava conta do cemitério, que nesse momento por ali passava, aproximou-se. Permaneceu em silêncio enquanto olhava o buscador chorar e, após algum tempo, perguntou-lhe se chorava por alguma pessoa da família.

- Não, ninguém da família. - respondeu o buscador - O que se passa nesta cidade? Que coisa tão terrível acontece aqui? Por que tantas crianças mortas enterradas neste lugar? Qual a horrível maldição que pesa sobre essas pessoas que as obrigou a construir um cemitério de crianças?

O velho sorriu e falou:

- Pode acalmar-se. Não existe nenhuma mal-

dição. O que acontece é que aqui temos um antigo costume: Quando um jovem completa seus quinze anos, ganha de seus pais uma caderneta, como esta que eu mesmo levo aqui, pendurada no pescoço. É uma tradição entre a gente, que a partir desse momento, cada vez que você desfruta intensamente de alguma coisa, abre sua caderneta e escreve nela à esquerda o que foi desfrutado... à direita, o tempo que durou o prazer.

Conheceu uma moça e se apaixonou por ela. Quanto tempo durou essa enorme paixão e o prazer de conhecê-la? Uma semana? Duas? Três semanas e meia?... E depois..., a emoção do primeiro beijo, quanto durou? O minuto e meio do beijo? Dois dias? Uma semana?... E a vontade de se comunicar com a pessoa amada...? E o casamento dos amigos? E a tão desejada viagem? E o encontro com o irmão que retorna de um longínquo país? Quanto tempo desfrutou dessas situações...? Horas? Dias...?

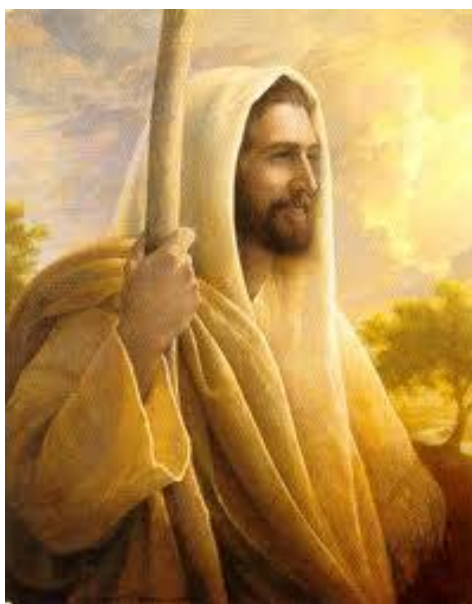
Assim, vamos anotando na caderneta cada momento que desfrutamos..., cada momento. Quando alguém morre, é nosso costume abrir a caderneta e somar o tempo desfrutado para gravá-lo sobre a pedra, porque este é, para nós, o único tempo VIVIDO.

### ***Oi Jesus, eu sou o José!***

Cada dia, ao meio-dia, um pobre velho entrava na Igreja, e poucos minutos depois saía.

Um dia, o sacristão lhe perguntou o que fazia (pois havia objetos de valor na Igreja).

- Venho rezar, respondeu o velho.
- Mas é estranho que você consiga rezar tão depressa, disse o sacristão.
- Bem, retrucou o velho, não sei recitar aquelas orações compridas. Mas todo o dia, ao meio-dia, eu entro na Igreja e só falo:- "Oi Jesus, eu sou o José, e vim te visitar". Num minuto estou de saída. É só uma pequena oração, mas tenho certeza que ele me ouve.



Alguns dias depois, o José sofreu um acidente e foi internado num hospital, e na enfermaria, passou a exercer uma influência sobre todos; os doentes mais tristes se tornaram alegres, muitas risadas passaram a ser ouvidas.

- José, disse-lhe um dia a Irmã, os outros doentes dizem que você está sempre tão alegre...

- É verdade Irmã, estou sempre tão alegre por causa daquela visita que rece-

bo todo dia. Faz-me feliz.

A Irmã atônita já tinha notado que a cadeira encostada na cama de José estava sempre vazia. O José era um velho solitário, sem ninguém. Quem o visitava? A que horas? e todos os dias? Respondeu José com um brilho nos olhos:

- Todos os dias, ao meio-dia, Ele vem ficar no pé da cama. Quando olho pra Ele, Ele sorri e diz : "Oi José, eu sou Jesus e vim te visitar".



Publicação da Sociedade das Ciências Antigas

Todos os Direitos Reservados

[www.sca.org.br](http://www.sca.org.br)